



le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
**José Mindlin**













# ALGAS E MUSGOS



LUIZ DELFINO

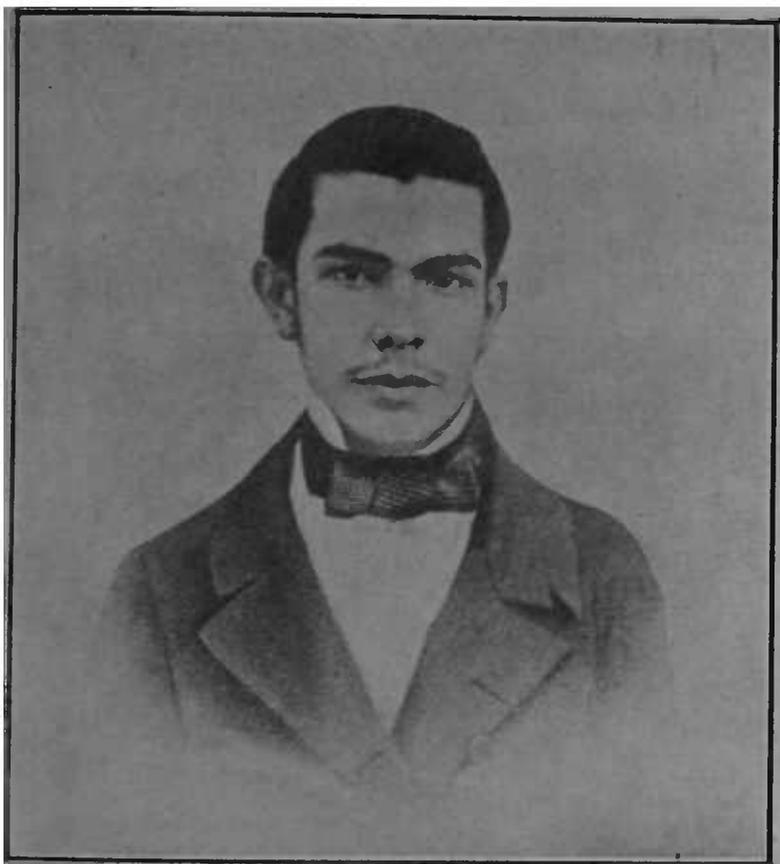
# ALGAS E MUSGOS

Vol. I



Livraria, Papelaria, Lytho-Typographia  
**PIMENTA DE MELLO & C.**  
Rio de Janeiro





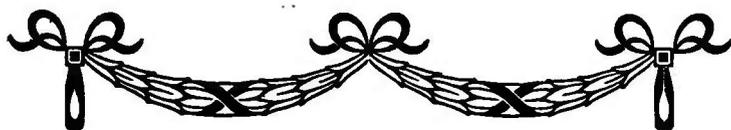
Luz Pelfino

Aos desesete annos



# **ALGAS E MUSGOS**





## ALGAS E MUSGOS

Não prima esta obra d'ourivezaria  
Por leve, caprichosa e delicada,  
Como devera ser, como pedia  
Pequena téla d'oiro trabalhada...

Nem d'oiro sempre: a lamina talhada  
Foi do metal que ás mãos acaso havia,  
Logo que me soava uma harmonia  
E eu via a phrase em molle dança enleada.

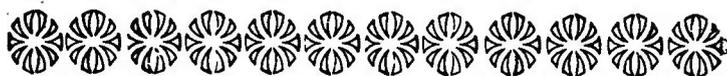
Casando o rhythmio ao fremito das côres,  
Vergeis em valle estreito enchi de flôres,  
Sob a cupula azul de um céo ardente;

E indo gravar as mais triumphantes gemmas,  
Para as pôr dando luz em meus poemas,  
Algas e Musgos burilei sómente.



# **CONCHAS E PEROLAS**





## HOMBREIRA

Vagas cheirando a brisas das balseiras  
Que vêm do oceano, num suspiro apenas,  
E trazem conchas d'ouro e de açucenas,  
A' flôr da areia, expondo-as em fileiras,

Grutas sôltas de nácar: mais não queiras  
Nestes poemas ter; — são vãs phalenas,  
Que, para ir illudindo algumas penas,  
Ato ás asas da noite, e ahí vão ligeiras.

Verás algumas perolas, se fôres,  
Quando as ondas não crespas vão rolando,  
Quando da tarde a luz cambiando as côres,

E ora azul e ora verde o mar baixando,  
Têm nas escamas tremulos fulgores,  
E abrem-se ás praias num bocejo brando...

## O PERFUME DE UM HYMNO

Se alguém me vir perennemente moço,  
Ou como um deus de Hesiodo ou de Homero,  
Alta a cabeça, o olhar radiante e fero,  
E' que eu em toda parte a vejo, e a ouço;

Que em vêl-a, e ouvil-a, eu sinto-me um colosso,  
Pois tenho nella tudo quanto quero;  
Nem temo a inveja a uivar, como um mar grosso,  
Dizer que minto, que não sou sincero.

Nella eu vejo a mais nova irmã da Aurora,  
Ella em mim o irmão gêmeo da Harmonia;  
Não precisamos de mais nada agora.

Nossos filhos, o Sonho, o outro a Alegria,  
Como eu os amo, a mãe como os adora!  
E ambos são para nós a luz do dia.

## PÝGMALIÃO

Sinto-me todo em ti, tendo-te perto;  
Prendes-te a mim num forte e estranho laço;  
Vamos: quem acha o paraíso aberto,  
Faz, o que fazes tu, faz o que eu faço.

E enquanto o corpo teu oscúlo, e abraço,  
Novos soes anda um deus a urdir de certo;  
E ouvem-se, a um pollen vasto enchendo o espaço,  
Édens florir, cantando, em nú deserto.

E' a ventura triumphal do malho,  
Que bate o bloco, e o embebe, e o anima, e a idéa  
Lhe põe, mordendo-o todo, a talho e talho:

E é do amor, que o buril fecunda e ateia,  
Que entre gritos do marmore em trabalho,  
Nasce Venus, ou nasce Galatéa.

## TÉLA APAGADA

Tecum vivere amem.

*Horacio*

Como isto aqui mudou!... Agosto, o anno passado,  
Tinha mais sol, mais luz, mais calor, menos fric;  
Mas tudo o mais é o mesmo: a agua do mesmo rio,  
A ponte de madeira, as mangueiras, ao lado,

Velhas, grandes, em flôr, o lanço esburacado  
Do muro, e o lichen nelle, e a avenca, e o luzidio  
Lacrau, que salta, e vira, e já volta ao desvio;  
O cão ganindo; e a um canto, á esquerda, ao longe, o prado;

Bambús em renque, em meio o caminho, e no espaço,  
Longe do morro, ao fundo, a casa; e no terraço  
Sobre o jardim, talhando o ar scintillante, a imagem

De um anjo, — um aureo nimbo á coma, o olhar humano  
Como jamais pintou Corregio ou Ticiano:  
Quem, levando-a, apagou a esplendida paisagem!...



PALLIDA VICTRIX

A fronte cheia de uma dôr sonora  
Na mão aberta tristemente pousas,  
E a estrella de uma lagrima demora  
Sobre um dos cilios... mas chorar não ousas.

Pasmas ás triviaes, pequenas cousas!  
Vês manchando de larga sombra agora  
A luz do céu, e pelo campo em fora,  
Um bando azul de lindas mariposas.

Acaso abres o leque, e lentamente  
Olhas sem vêr dois calmos chins á beira  
Dum rio argenteo; a rútila corrente

Mette-se em pontes d'oiro, a luz a empoeira.  
Que dôr faz pois mais pallido e doente  
Teu bello rosto pallido de cêra?

NUM TURBILHÃO DE ESTATUAS

At the mid hour of night, when stars are weeping...

*T. Moore — Irish melodies*

Quando os formosos marmores de Athenas,  
Branco, como os luars transparentes  
Desmanchando seu feixe de açucenas  
Na limpidez sonora das correntes,

Murmuram suas doces cantilenas  
Pelas suaves curvas esplendentes,  
Mas como um sonho, um vago sonho apenas,  
Que embala a noite em páramos silentes...

Numa ebriez de luz, turbado e incerto,  
Entre o alarido de rosaes desperto,  
Via erguer-se, surgir... ficar só tu.

Do turbilhão de estatuas fugidias  
Restavam só as formas luzidias  
Do teu corpo orgulhosamente nú.



VENUS MARINHA

Quem és tu? — Serás tu o que pareces?  
Marmore duro, opaco, e resistente  
Marmore vivo, cuja voz tremente  
Vem de uns labios, que sempre imploram preces,

Onde comesças tu, onde feneces?  
Onde pode a ti mesma achar-te a gente?  
Bella esphinge terrivel, que mais cresces  
Quanto mais desço em ti profundamente.

E's uma imagem sob um véo de bruma:  
Tu tens os grandes gestos de rainha,  
E não sei de tua alma cousa alguma.

Tortura-me esta grande angustia minha;  
Deusa, e pombas, e concha, e mar, e espuma...  
Nada mais vejo em ti, Venus marinha...

## NUDAQUE VERA

Por que?... Bem vejo o gosto, o esmero, o tino  
Com que no escritorio luxuoso fechas,  
Ora a nuvem das rútilas madeixas,  
Ora do corpo o marmore divino.

Cinzelo, lavro, junto, ato, combino  
Phrase e phrase, e engrinaldo-te de endeixas:  
Como és formosa assim!... Mas imagino  
Abysmos, céos. .os céos que vêr não deixas.

Oh! núa!. núa é que te quero!. núa..  
Egual á rosa, ao lyrio, á estrella, á lua,  
No brilho astral dos monolithos nós!

Em rico estofo um corpo não escondas,  
Onde por linhas ideaes, redondas,  
Cantam os soes a Iliada da luz.

## CARROS QUE SE ENTRECruzAM

Como serpente enorme, então a natureza  
Enroscava-se ao meu espirito abatido:  
Assobiava o sul no céu, como um bandido  
Em caverna onde ha sombra, ar humido e tristeza.

E enquanto o frio, como um ferro agudo e buido,  
Perfurava-me a carne, a mente inquieta e accesa  
Arranjava uma alcôva, um fogo, um livro lido  
Na intimidade ideal de uma gravura ingleza.

Eis que perto de mim surge, irrompe, fulgura  
Como fugida a um quadro, uma branca figura,  
Como só Greuze e Holbein as sabiam pintar.

A cabeça gentil punha apenas de fora..  
O seu carro voava arrebatando a aurora:  
Um furacão de luz levava-a pelo ar.

AD ASTRA

.. tu pudica, tu proba  
Perambulabis astra sidus aureum.

*Horacio*

Estes anões são vis, são pó: — deixal-os.  
Vem tu commigo acima, alma divina;  
Era demais, deusa do bem, odial-os;  
Tu, a quem só o amor do bem domina,

Vem. — Eu já lanço os rapidos cavallos  
Pelo meio da estrada crystallina,  
È em cada sol, que ao vêr-me a fronte inclina,  
Tens o meu povo d'oiro, e os teus vassallos.

A cada beijo, hemos de ouvir cantando  
Os deuses logo, as deusas logo, em bando,  
Cada um de nós em rútila curul.

Lá tu serás a minha loura Circe  
Dentro em meu collo a rir-se, a rir-se, a rir-se,  
Como uma estrella na lagôa azul.



## ACCÔRDO

Dizes que te não dê este amor, que é meu gôzo.  
E é o abysmo estrellado em cujas bordas piso,  
Que vive do clarão sonoro do teu riso,  
E da luz que enluára o rosto teu formoso;

Este amor, que vê sempre aberto um paraiso  
Em qualquer parte do teu corpo astral e ondeoso,  
Que, como o vento ao mar, não me deixa em repouso,  
Do qual, para o meu céu ser céu, ter soes, preciso:

Este amor não t'ô dou. — Os astros resplendentes,  
Um mar preso a outro mar, ilhas e continentes,  
O espaço, e o que elle tem, o que é, e o que inda fô!

Deuses, e turbilhões phantasticos. pudera!..  
Dera-te tudo, tudo, oh! tudo!... e não te dera  
Este amor, este amor, este meu louco amor!...

PAUCA

Oh! triumphar, dar corpo a ideaes mais caros.  
Harens possuir, como um Sardanapalo;  
Pôr no marmore o gesto e alevantal-o,  
Bem como um Pygmalião dando alma ao Paros;

Dormir nos ostros dos triclinios raros;  
Prender o mundo á cauda de um cavallo,  
Ou, como Orpheu, á lyra d'oiro atal-o,  
Que importa? Uns bens tão vãos, eu d'alto encaro-os.

Mesmo, se isto é ventura, e isto preferes,  
Num turbilhão de esplendidas mulheres  
Ir pela vida inteira arrebatado,

Vive assim, morre assim; eu cá desejo  
Ao collo de uma só viver num beijo,  
De uma ao collo morrer num beijo, e amado.

A VALSA

Move-se, treme, aneia, empallidece,  
Cae, agonisa; acaba-lhe nos braços:  
Resfolga, arqueja, torna, réapparece,  
Solda-lhe o seio, a bocça, as mãos, os passos...

Gira, volta, circula.. Os olhos lassos  
Têm langue, molle, voluptuosa prece:  
A fronte branca ao collo delle esquece..  
Atam-lhe as carnes invisiveis laços...

Na sala, a um vão, inquieto a vejo... e o vejo!  
Soffrer?!... não sei... mas toma-me um desejo,  
Ao ver um só nos dois, o grupo enleado...

Roar-me ao chão, á terra de repente,  
E nas voltas daquella valsa ardente  
Morrer em baixo de seus pés calcado!

## A VIDA E A MORTE

Para que serve a vida? — me disseste:  
Tremi, como haste ao vento, assim te ouvindo,  
Mas pela sombra do teu rosto lindo  
Vi pranteando o tel olhar celeste.

A vida é isto, o beijo, que me déste,  
Que a impregnou toda de um olôr infindo:  
É a morte, o incendio de um silvado agreste,  
Onde ha ninhos e passaros dormindo.

Do ninho em breve os passaros cantando  
Surgem d'asas e d'oiro enchendo a esphera,  
Brincam flôres ao sol, no valle, em bando.

E a morte diz á vida extincta: — Espera!  
E em carro azul irrompe, inda chorando,  
O Riso e o Amor puxando a Primavera...

SACRA FAMES

Como um falerno, és tu, rubro e sublime,  
Espumaroso e quente, que conserva  
A áscua da lava, o verde aroma da herva,  
E o ardor, que a terra em fogo, e a arfar, lhe imprime,

Que mal se bebe um gole ou dois, deprime,  
Endoída, cansa, ensomnolenta, enerva.  
— Quizera vêr, perto de ti, Minerva  
Pura sahir do meu divino crime.

E tens talvez no escriptorio inda aureo pomo.  
Que fome grande eu sinto delle. como  
Enche-me todo este desejo, e o quero..

Foi desta angustia e deste amor, creatura,  
Que a Grécia viu o genio e a formosura,  
Venus na vaga, e ao pé da vaga Homero...

SURGIT STELLA

Chegou? Mas em que concha a deusa veio?  
Que onda azul a deitou na fina areia?  
Que branca ondina, que ao luar vagueia,  
Disse-lhe adeus do mar num doce enleio?

De molle brisa o perfumado seio  
Ella abandona, e delle emfim, se apeia,  
Como da concha desce Cytheréa  
Contendo as pombas com delgado freio.

Milhões de olhos de luz na sala, — ao vê-la,  
Abrem os candelabros, desatando  
Rolos d'oiro subtil, para envolvel-a.

Nos quicios riem as portas recuando;  
E deixa um rastro luminoso a estrella,  
No ethereo azul da alcôva emfim baixando.

ANGELA - SIRENA

Tinha doze annos; chego; de repente  
Enlaça-me com fôrça: vou fugil-a;  
Aperta-me inda mais, feroz, tranquilla,  
Como uma fera angelica e innocente.

Quasi achei-me sem mim no attrito quente;  
E ao vêr-lhe o azul da limpida pupilla  
Molhar-se todo de um vapor luzente,  
E uma inquieta tristeza emfim cobril-a,

Lento e lento arranquei-me della, e a custo,  
E sem que disso idéa exacta forme,  
Logo um pouco a tremer, num vago susto,

Como cansada de um trabalho enorme,  
Sobre o meu collo reclinando o busto,  
A face em fogo, e soluçando, — dorme.

## A MULHER

*A Guimarães Passos*

She was false as water.

*Shakespeare — Othello*

Amo a mulher, que o ethereo fogo ateia  
Em Phidias, Sanzio, Glück e Donatello,  
Porque em si tem o filtro, o encanto, o élo,  
Que o céo aos seus dois pés prende e encadeia.

Anda-me a vida do seu culto cheia;  
E inda na morte em meu sepulcro, anhelô  
Venus, filha do mar, como a sereia,  
Em Serravezza ou Paros do mais bello.

Não que indo, como aos soes vae a andorinha,  
Dêsse acaso com uma, que seria  
A parte d'alma que faltou á minha:

Pôde encontrá-la alguém? Não sei: diria,  
Achando-a, achar a perola marinha,  
Mas, — como toda perola, vazia.



## APONTAMENTOS

Quarto azul como o céu; uma janella,  
Uma porta; alto, grande, longo, estreito;  
Dois espaçosos quadros, mesa, leito,  
Pequeno espelho, e a um canto uma aquarella.

Tapete persio, alampada singela,  
Divan de um roseo-negro; em meu conceito,  
E' quanto basta; e procurar o effeito  
Deixando encher-se o mais, tão só com ella.

Para lhe dar um toque ainda, eu ousou  
Lembrar que o sol não entre ahí; seria  
Perder do luar, que o envolve, o estranho gôzo.

A sombra quente; a luz um pouco fria.  
Eu sei, como seu corpo esplendoroso  
Melhor se enquadra, e nú melhor radia.

## EPITHALAMIO

Deixa lançar-te ao collo o meu halito quente,  
Derreter-lhe com o labio em fogo, e em tórno, a neve..  
O tempo, que nos dão, é curto, é pouco, é breve,  
E' nosso o instante só, e lá vae de repente.

Quem este epithalamio, amor, cantar se atreve?  
Como o vento demora e arrasta a asa fremente!  
Como é alegre a luz mesmo do sol ao poente!  
Como a noite apparece alta, estrellada, leve!..

Depois que minha bocca encontrou tua bocca,  
Depois que eu fiquei louco, e tu ficaste louca,  
Os grupos de illusões, mandemol-os embora..

Pede cousa melhor ao universo; — e eil-o mudo:  
Olha: este ultimo beijo é tudo, é tudo, é tudo!...  
Qualquer deus não tem mais, não tem mais outra aurora!

## ARIANNA SOBRE A PANTHERA

Vejo-a de um ponto, e vae numa brilhante esphera,  
Como num plaustro d'oiro imperatriz romana;  
E doutro, reclinada, augusta e soberana  
Vôa no dorso nú de terrivel panthera.

Dizem que um fresco achado em Pompéia assim era:  
Nereida conduzida ao dorso de uma fera;  
De Dannecker tambem a marmorea Arianna  
De um monstro faz o seu palanquim de sultana.

És sempre a mesma filha amada do meu sonho,  
Ou vás no monstro, que é o olvido, a que me votas,  
Ou na estrella do amor, por céos em que te ponho.

Mas eu sou o coral perdido em fundas grotas,  
E enche o abysmo em que vivo, immenso, atro, medonho  
O marulho de um mar de lagrimas ignotas...

## IDYLLIO A' MESA

Lembras-te? O idyllio? Escrevo ao pé de ti, á mesa.  
Fallas: suspendo a penna, e respondo-te. — Jura?  
Tornas. — Ergo a cabeça, olho, e rio. — A ventura...  
Interrompo-te: Está entre nós. — Tem certeza?

Calo-me. Enquanto a renda anda a cantar n'álvura  
Da luz: ha drama; ha scena: a sua mão accesa  
De estranhos soes corusca, e agarrando (surpresa!)  
Prende o luar que ha no linho ao charão da costura.

Pausa. Abrupto: — Ao entrar escrevias: eu vejo  
O papel, olha... — Estava ha muito tempo escripto.  
Leio o fim de uma linha: O céu tenho em teu beijo...

Isto é meu. Mas por que choras?... Estranho mytho!...  
Deuses, para apanhar-lhe as perolas, desejo,  
Quero, dae-me, trazei-me o escriptorio do infinito...

## NUDA PUELLA

Sôltas de leve as roupas, uma e uma  
Cahem-lhe: assim a camelia se desfolha;  
È quando n'agua o bello corpo molha,  
A agua soluça, e o enleia, e geme, e espuma.

Logo que ella no banho, que perfuma,  
Como ao luar um cacto, desabrolha,  
Envolve-a o céo radiante, e a luz em summa  
Põe-lhe o véo d'oiro em cima, e a afaga, e a olha.

Ao sahir, mollemente em ondas frouxas  
A' nuca, á espadua, ás nadegas, ás coxas  
Vão rolando os cabellos abundantes:

Cobrem-lhe um pouco o rosto, o seio, o flanco...  
E eil-a, bem como á sombra um lyrio branco,  
No orgulho astral das deusas deslumbrantes!..

APRÈS LE BALLET

Vi. — Um deslumbramento, que irradia,  
Fulgura, luz, scintilla, arde, flammeja,  
Ora a cachoeira d'oiro fugidia,  
Ora a iriante agulha de uma igreja;

Ora um salão luxuoso, em que dardeja  
A orchestra doida, a triumphante orgia  
Dos sons, emquanto vôa, ala-se, adeja  
A turba astral, que a dança enrola e ebría.

E antes quizera uma palavra tua,  
Um riso, um gesto, ou num silencio apenas  
Vêr-te a andar pela alcôva, a espadua núa,

Aos beijos só das lúridas melenas,  
E eu a olhar como haver o sol e a lua  
Para encher delles tuas mãos pequenas.

## N'ALCÔVA

N'alcôva pequenina e carinhosa  
Cabia um leito; o leito era gentil;  
E eu fallava com ella, — a descuidosa!  
Em nada, o que sei eu? e em cousas mil...

'Stava deitada, e o rosto de perfil  
Enterrava-o na fronha côr de rosa,  
Numa espuma abundante e deleitosa  
De rendas brancas de um lavor subtil.

Era-lhe o olhar inquieto e voluptuoso,  
Guardando-o á fronte uma severa prega,  
Como num nicho á argola um cão raivoso,

Que uiva, cae, late, investe, e não socega:  
Porem o labio tremulo e queixoso,  
Vencida e inerme, ao meu desejo a entrega...

## POLLEN DE UM BEIJO

Não; eu não sei se lhe furtei um beijo,  
Ou se ella a bocca me entregou, enquanto  
Vacillava entre a duvida e o desejo.

Vi-lhe nos olhos constellar-se o pranto,  
Toldar-lhe o rosto a pallidez do pejo,  
Torcer-lhe o corpo um languido quebranto,

E, como Ophelia á margem da corrente,  
Cantar, chorar, sorrir, sem voz, sem côr:  
Soffre, senhora? — eu disse — então que sente?  
E ella me respondeu: — Estranha dôr,

Pela qual o maldigo eternamente,  
Porque de um beijo rapido e traidor,  
Sinto que em mim gerou-se de repente  
Um monstro grande, como o céu e o amor...

MYTHO

Sejas quem fôres, doce creatura,  
Numen casto, a quem sigo em azul profundo  
Como um diamante que encontrei no mundo,  
E que meu canto em céo triumphal pendura,

Taça em que bebo liquida a ventura,  
De ti me vem a luz, de que me inundo,  
Mar virgem, que de longe olho e circumdo,  
Sem lhe tocar na vaga imberbe e pura :

Déste-me, para ir ao imo oceano, o alento,  
Perolas mil colhendo ao pensamento,  
Para dellas encher-te as mãos ideaes.

Ficarão, sabes, nós todos os mares,  
Se um só desses teus limpidos olhares  
Disser : — São poucas, vê, quero inda mais...

ALMA VIUVA

És uma alma viuva e perturbada:  
Foi-te a paixão um vento de passagem,  
Que indo, lançou do céu na tua imagem  
Luxos da noite e joias da alvorada.

A flôr de amor, macia e perfumada,  
Não foi de oasis, foi de uma miragem;  
Anda por ti, como um rumor de aragem  
A um rosal, que deu rosas, pendurada.

Teu negro olhar. o teu olhar esconde  
Lasciva flauta de dois tubos, onde  
Pan tocára, cantando a **selva em côro**:

Dentro, o desejo, como instavel onda,  
Dorme fremendo, quando **alguem** o sonda,  
Como um leão ao sol nas garras d'ouro.

## CONTRARIEDADE

Pois sae do banho agora? Então vim cedo.  
Crê bem inopinada esta visita!..  
Encontral-a com menos uma fita,  
Nã rosa d'hontem ler-lhe algum segredo.

Julga vossa excellencia infame e tredo.  
Mas... vê?... nesse abandono é mais bonita:  
Deu-lhe um toque de deusa que tem medo;  
E animou-me o terror com que me fita.

Por que de longe aquelle espelho sonda,  
E cora, e empallidece, e emfim se enleia,  
Buscando uma asa, um raio, em que se esconda?

Como se acaso alguém achasse feia  
A perola arrancada, ha pouco, á onda,  
Inda molhada, inda atirada á areia!...

## BANHO AO LUAR

Foi uma noite á limpida lagôa,  
Que para recebel-a se enfeitára:  
Não é que o Olympo inda hoje se esborôa,  
E delle cae um deus, que lá ficára?

E ao saber que ella iria ao banho, vôa,  
E forra o lago, e accende-o, como uma ara;  
Azues lá dentro, e os astros arranjára,  
E clarões molles, que por selvas côa.

Ella nas margens deixa a roupa: núa,  
Como quem entra numa festa lauta,  
Lasciva, entre o tinir dos soes, fluctua,

Com um e outro correndo inerme e incauta;  
Cae-lhe aos pés Pan, lacera-a a unha da lua,  
E ha uns ais pelo céu de sons de flauta..

## A VENUS MYSTERIOSA

Onde se perde aquella gente toda?  
Agarrados ás suas longas tranças  
Andam velhos, arrastam-se creanças,  
E a mocidade rola ebriada e douda.

Do céo descem-lhe passaros em boda,  
Cantam, mettendo-a em luxuriantes danças:  
E mudas, baixas, timidas e mansas  
O chão as feras lambem-lhe de roda.

Não ha carne que em nós não chore e grite  
Por seu corpo, onde estão sempre em festejo  
Boccas de auroras, rubras de appetite.

Venus mais Venus, sem mostrar mais pejo,  
Dá-nos a fome, accende-a, e não permite  
Pôr no pó ,que ergue aos pés, fugindo, um beijo. .

## O ETERNO ENGANO

Quantas vezes passar fremendo apanho  
De um ser, que não se vê, a voz ardente,  
Como o vento carrega uma semente,  
Que ha de florir bem cedo, achando amanho:

Ouve-a tambem teu coração contente;  
Corre em teu sangue um murmurio estranho;  
Mettes teu corpo em luz do céu num banho;  
Tua alma a sombra della ao perto sente

Envolver-te num beijo. — A flôr que cheira,  
Pelo perfume é que se denuncia;  
Tu colhes, sem mais vêr, logo a primeira;

Era a primeira que no valle abria;  
A mais branca, a melhor guarda-a a balseira,  
Lyrio igual a ti mesma, e igual ao dia..

TO WISH

Minha tristeza é como a noite funda  
Lançada sobre os astros turbulentos,  
Com que o céu todo se enche, alastra, inunda  
Ao murmúrio lubrico dos ventos,

Como sobre esperança moribunda,  
O lençol, que se atira aos lazarentos,  
Como em muros de velhos monumentos  
Do tempo o musgo e a sombra vagabunda.

E essa dôr vaga, amplíssima, infinita,  
Dentro de mim, fora de mim se agita,  
Como um mar sobre trevas recostado.

Que sol erguido pelo espaço infindo  
Dera-me a luz... a luz de um rosto lindo...  
Melhor do que isso, a luz de um rosto amado?..

## LATÔNA

A mãe tem medo: ouve-se distante  
O perlar argentino da voz sua;  
É olho da sala vagamente a rua,  
Emquanto a sinto longe alegre e errante.

Manda-me os filhos um a um adeante:  
Depois vem ella: vòa? anda? fluctua?  
Não sei. — Vem bella, pallida, radiante,  
Como depois que a noite se accentua,

É o oiro o céo vermicula em vasta zona,  
Que o azul em tons mais languidos desmaia...  
E no meio da luz, que ri, Latôna

Frisa o monte, inflammando o mar e a praia...  
Assim vem ella, assim vem a Madôna,  
Bem como a lua entre as estrellas raia...

PELA TARDE

quædam flere voluptas...

*Ovidio*

Num assento de marmore, que doura  
O tempo, e o sol, que vae passando, olhal-a  
É vêr a tarde triste e scismadora  
Deante de um verde, que fluctua e a embala.

Velho raio de luz desce a animal-a:  
É a brancura numa sombra loura,  
Como num quadro, cujo fundo fôra  
Pensado adrede por quem quer pintal-a.

Arfa o silencio no seu rosto lindo,  
Emquanto os olhos seus pairam pregados  
No azul, mais forte sempre, o céu tingindo.

E ao barulho dos leques espalmados,  
Vê, sem vêr, os pavões, que vão subindo  
Dois a dois, beira a beira dos telhados...



### O MADRIGAL DAS ROSAS

Quando em grupo, enlaçada, e de joelhos  
A chusma triumphal das rosas toma  
Ares de quem á luz quer dar conselhos,  
Num barulho sem fim de côr e aroma

Salta sobre os minusculos artelhos,  
E com a fronte a arder da accesa coma,  
Cobrando rostos bons, gentis, vermelhos,  
Dos varandins pela esmeralda assoma :

Dizem todas ao sol com dôr, com pejo,  
Num madrigal, que o amor dellas resume,  
Que elle lhes leva a vida e o olôr num beijo ;

Meio a rir, meio em iras de ciume,  
Responde o sol, golpeado de um desejo :  
— Dou-lhes o beijo, e negam-me o perfume?.

NO LEITO

Como estatua de marmore, na cama  
Feita de linho, e sobre o nevoeiro  
De rendas, em que rola o travesseiro,  
Que luar doce o corpo teu derrama.

Azula-o brandamente etherea chamma,  
Molha-o a luz do teu olhar fagueiro;  
E o sol, nos teus dois soes prisioneiro,  
Embalde ir para o céu forceja e clama.

Deixa-o ir. — Fica tu serena e casta  
No calor desta alcôva pequenina,  
Que a immensa curva azul talvez mais vasta.

Deixa-me após na luz que me fascina,  
Deste céu em que estás, e que me basta,  
Cahir morto aos teus pés, mulher divina.

## UMA PRINCEZA ANTIGA

Tem a grandeza antiga e peregrina  
Das mulheres da Bíblia, e da Odysseá:  
Anda, falla, apparece... e se imagina  
Ou Pallas ou Judith ou Diana ou Rhéa.

Mas quando ao campo os passos seus destina,  
Sua estatura avulta: — então é Dea:  
Jóve, para a espiar da azul cortina,  
Deixa os deuses no Olympo em assembléa.

Juno descora.. E ella no cercado,  
Numa das mãos erguendo os seus vestidos,  
Com outra lança ás aves pão cortado,

E vê de longe, entre os capins crescidos,  
O velho boi de Homero, um boi malhado,  
De passo tardo e chifres retorcidos.

OUVINDO-A

Tu movendo a cabeça, a bocca, o braço,  
Como a vidente de um antigo rito,  
Dizes que mundos luminosos faço..  
E então nos olhos teus meus olhos fito.

Do pasmo, com que em ti me prendo e enlaço,  
Zombas com gesto ironico, exquisito,  
E sinto que por ti me foge o espaço,  
E rolam soes, e cava-se o infinito.

E enquanto arranjas essa melopéa,  
Enfiando uma idéa noutra idéa,  
Emquanto esses castellos d'oiro arrumas,

Eu voi boiando em tua voz sonora,  
Como nau, panno ao vento, azues em fora,  
Entre as flôres de prata das espumas.

## SICUT SERPENS

Tens da virgem christã a graça e o pejo,  
Que de um certo desgarré não te exime:  
E uma tristeza de mulher sublime,  
Junto á lascívia dum brutal desejo.

És bella... e pura, creio-te, se vejo  
Teu rosto aonde a pallidez se imprime;  
E o teu corpo, que dobra, como um vime,  
Que dobra mesmo ao halito de um beijo...

És pura, se te vejo de repente,  
Se não me vem de subito a lembrança  
Da luz dos olhos teus molhada e quente,

Que como serpe, sae do ninho, e avança,  
E em roscas d'oiro luminoso — a gente  
Enrola no teu corpo de creança.

## NATUREZA INTERROGADA

Rosas, jasmíns, bons días; açucenas,  
Festas e soes; rir, minhas feiticeiras!  
Rolaes, brincaes, voejaes... mas vêde... asneiras  
Em cima dellas, não, gentis phalenas.

Alegres todas, rancho de pequenas!...  
Margaridas, corymbos das balseiras,  
Grotaes do bosque, relva das clarciras,  
Luz perfumada das manhãs serenas,

Sombra doce do tremulo arvoredado,  
Rio a cantar ás costas do fraguado,  
Veiga e céu, ninhos, passaros, rosaes...

Rosaes, passaros, ninhos, céos e veiga,  
Sêde-me bons, fallae: quando ella chega,  
Que faz ella? que diz?... que diz? que faz?

## PERDÃO AOS DEUSES

Castas brancuras virginaes que cria  
A terra, e que a mulher, o lyrio e a rosa  
Têm em si, são a sombra gloriosa  
Do clarão que é teu peplo, e em ti radia...

Se a luz coalhasse, como tu seria  
Quente, rija, brilhante e setinosa:  
Se de um bloco de luz branca e cheirosa  
Deus te não fez... então não te fazia.

Perdão a esse, e aos mais, o esquecimento  
De terem feito um céu sem pensamento...  
Se algum respeito mesmo inda revelo

E' que o ultimo golpe de martello,  
Que tinha de acabar o firmamento,  
Pôde só acabar teu rosto bello.

## AMAZÔNA

Oh! Era uma amazôna verdadeira,  
Quando montava o seu gentil cavallo:  
Vinha-lhe em luz ao rosto o fundo abalo,  
Que ia beber na rapida carreira!

Chapéo preto emplumado; a cabelleira  
Lá dentro, como um sol dentro de um vallo:  
Um chicotinho só para guial-o...  
Antes raio de luz na mão faceira.

Buscava ao longe as veigas mais secretas:  
Accordava ao galope a gruta rouca,  
Olhavam-na as estrellas inquietas.

E ella voava assim como uma louca,  
Dentro dos olhos carregando as settas,  
Levando o arco atravessado á bocca.

## UM CINZELADOR

Ha, gentil creatura, um poeta que cinzela  
A phrase como um velho ourives florentino,  
Que torce o oiro, e mistura a prata, e que martella,  
De um golpe, o vaso iriante, adamascado e fino.

Eu queria-lhe o genio; amara-lhe o destino;  
Lavrára com caricia a estrophe, e punha nella  
Asas, soes, muito aroma, o alarido de um hymno,  
E o azul. todo esse azul que o infinito apainella.

Para o rico ideal tenho a materia prima:  
Obedece-me a luz, domestiquei a rima,  
Guardo a musica presa aos metros rugidores.

Neste trabalho a mão pode bem ser que trema...  
Mas se tu queres, se desejas um diadema,  
Vaes ter em mim já um desses cinzeladores

## GRUPPO

*A Manuel de Mello*

Figura graciosa e encantadora  
De uma creança no caulim talhada,  
Vêdes nos braços de gentil senhora  
Alli no banco do jardim sentada.

Como a cabeça é grande comparada  
Com todo o corpo!.. e que cabelo a doura!  
Rasga-lhe a fronte crystallina estrada,  
Onde brinca em nudez a manhã loura.

Na attitude, da mãe e na do filho  
Desce do sol, que vae morrendo, um brilho,  
Que enche de um riso tímido o vergel.

Parece o gruppo esplendido e tranquillo  
Feito de uma das Virgens de Murillo,  
Tendo ao collo um Jesus de Raphael.

## OPHELIA

É duma pallidez que deslumbra e fascina:  
Tem nos olhos clarões da chamma que arde, enquanto  
Rue, no occidente acceso, a ultima Alhambra em ruina:  
Se canta, os rouxinoes calam-se ao ouvir seu canto.

Sae do centro de um lyrio; anda á roda, á surdina,  
De olôr suave embalando-a; arrasta, impondo espanto,  
Traços de luz nos pés, restos de soes no pranto;  
E o céu é um vasto nimbo azul, que ella illumina.

Enlouqueceu? Que ser estranho a leva e a enleia?  
Não é mais leve n'agua e mais bella a sereia.  
Quem é? Quem vae como ella em tão longo noivado?

Ophelia, és tu, ideal do amor, que eternamente,  
Sôlto o auroral cabello, e ás hervas enrolado,  
Vemos fugir, cantando, a fio da corrente.

## O MELHOR CANTINHO

Boiava como em ondas de perfume,  
Movendo os braços nús e os pés pequenos;  
E a voz subtil de perfidos venenos  
Vinha do quadro, que envolvia o nume.

No grande leito a alcôva se resume,  
E era a concha em que andava aquella Venus:  
As sêdas por alli cantavam threnos  
Tão meigos como o arrulo de um queixume.

O tremulo fulgir do branco linho,  
A renda que alfaiava o travesseiro,  
O cortinado um pouco em desalinho;

A cama, o espelho amplissimo fronteiro...  
E ella dentro, tornava aquelle ninho  
O cantinho melhor do mundo inteiro..

VENUS E MADÔNA

Tens no teu corpo o azul, que esta hora explica,  
Na brancura, que o artista ama e imagina,  
Quando aos lyriaes quinze annos da menina  
Na mulher, que ella encerra, os soes salpica.

E's a Virgem que Sanzio santifica,  
— Ao collo o filho, — esplendida e divina,  
Cheia de graça, de modestia rica,  
Mas copia fiel da amante, a Fornarina.

A luz, que a estrella mescla á noite escura  
E' como a luz da humana felicidade;  
E' na sombra que canta a luz mais pura.

E tu tens o que a vida ideal procura,  
Tens da Madôna a eterna castidade,  
Tens da Venus a eterna formosura.

ENTRE A CALMA E A TEMPESTADE

Por que me déstes olhos, para vê-la,  
E me déstes ouvidos, para ouvil-a,  
Deuses, se junto a mim não posso tê-la  
Se não posso de longe emfim seguil-a?

Sem ella a vida fôra-me tranquilla,  
Mas em meu céu lançada aquella estrella,  
Que tão meiga e suave em mim scintilla,  
Não pude mais, não quiz d'então perdel-a.

Acho melhor a inquietação que sinto  
Dentro de mim, que meu socego extinto:  
Faz-me bem, ha delicia inda em tal dôr;

Soffrer por ella a todo instante, é gôzo;  
Prefiro a lucta a intermimo repouso,  
Prefiro á eterna paz o eterno amor.

## A VIRGEM

La verginella è simile alla rosa.

*Ariosto*

E' toda virgem lyrio branco, ou rosa,  
Que entre espinhos nasceu, e anda guardada,  
Que é vestida de fulva luz radiosa,  
Da terra, e céo, e sol enamorada;

E um nicho de perfume habita, e agrada  
Como flôr; mas abelha sequiosa  
Teima com o insecto e a douda passarada  
A vêr quem mimos seus primeiro goza.

Se conserva innocente e intacto o seio,  
E' sempre bella: é bella enquanto é pura;  
Mas se alguém arrancal-a ao encanto veiu,

Desmaia logo a sua formosura,  
E o amor, que tanto a ebriou, e lhe era enleio,  
O amor noutros vergeis amor procura.

CARLOTA

**Desatas** o corpete, e abres o seio,  
**Como** a cecém a virginal corolla,  
Depois o teu olhar, cantando, rola,  
**Dando** as voltas sublimes de um gorgeio,

**Num** ritornello, num suave enleio,  
**Que em** doidas festas teu filhinho enrola,  
**E caes** num largo e fundo devaneio,  
**Que te** unindo a elle só, do mais te isola.

**Como** ao vento, que passa, a luz de um cirio,  
**Vendo** o teu rosto, que um luar desbota,  
**Teus** peitos brancos, como o cacto ou o lyrio,

**Treme** minha alma de emoção ignota,  
**E então** comprehendo Werther em delirio  
**Ante a** imagem serena de Carlota...

## O ANJO DA FE'

Primeiro hão de correr  
Pera traz rios e mar,  
Nas cousas discordia **haver**,  
Que a mim me fallecer  
Desejo de inda a gozar.

*Bernardim Ribeiro — Eglogas*

Sonho de amor, estrella peregrina  
Por céos onde se azula a primavera,  
Rosa ideal de um éden, que imagina  
Quem se refoge na mais alta esphera,

Sombra de luz que me segreda: Espera.  
Mão que atravessa abysmos, e se inclina,  
Trazendo a transbordar cheia a cratera  
De uma bebida calida e divina;

Cimos que busco, cimos, que não vejo,  
Eu para vós adejo... adejo... adejo...  
Sois tão longe, eu bem sei; tão longe! embora:

O Anjo da Fé murmura-me: Caminha...  
E eu digo: — Vem, ó tu, que has de ser minha:  
Por que tardas assim? — Que te demora?...



## LA POVERINA

Vi num quadro, talvez copia de Tintoretto,  
Uma gentil fanciulla, errante e poverina,  
Que eu guardára na gloria em fogo de um soneto,  
Como num aureo escriptorio a perola mais fina.

Como o fundo, em que estava, era estranha ruina;  
Magra, entretanto forte, um marmore perfeito,  
E accesa de clarões, como um diamante preto,  
Tempestua-lhe á espadua a grenha leonina.

A dôr fulva do luar toda a pintura exhala.  
Nero no Coliseu, nas Thermas Caracalla,  
Crê-se que inda lá dentro em longa orgia estão.

Roma arranjando a ossada ás purpuras da lua,  
Olha, sem levantar-se, a bella deusa núa,  
E o templo e o altar da deusa em pedras pelo chão.

## A GOTTA D'AGUA ;

Não ha pedra que a agua não consuma ;  
Sem ferir-se, a agua fere a pedra dura ;  
Quer tempo : e gotta e gotta, uma após uma,  
A beija, a encanta, a enlaça, a envolve, a fura.

Caminha mais : rendilha-se de espuma ;  
E enquanto existe rocha, e a gotta dura,  
A agua trabalha, até que enfim murmúra,  
Sem ter, sob os seus pés, mais rocha alguma.

Fez della um berço, em que annos mil porfia,  
Agora ao sol, agora á luz da lua,  
Para urdir nesse berço a penedia!...

Hoje nelle espreguiça-se e fluctua ;  
E ri de um fauno astuto e vil, que espia  
Náíade ao collo seu dormida e núa.

SONHAR !

t'was like a sweet dream..

*T Moore — Lalla Rookh*

Sonho ás vezes. levando-a desta fria  
Estancia a um paço em zonas levantinas,  
Num lago, em cujas margens haveria  
Cactos, rotins, bambús e casuarinas,

Onde em junco pintado de harmonia  
Com o céu, e o verde d'agua, e a côr das finas  
Porcellanas, que o sol inflamma, iria  
Ella beirando a fimbria das collinas.

Das grandes aves do Oriente as pennas  
D'oiro e esmeraldas, prasios e turquezas  
Dar-lhe-iam sombra ao lacteo rosto apenas.

E em honra á flôr mais branca das devezas,  
Lhe entornaria a noite nas melenas  
O escriptorio azul das perolas accesas.



NUVEM

Creança de olhar limpido e tranquillo,  
Esculpturada, como lavro as odes,  
Quando de espaço e olympico as burilo,  
Cheias de canto e luz, como os pagodes:

Tu só entendes, tu sómente podes,  
Lendo, ouvir o que em si tem de sigillo:  
E o oiro dellas, — e é só o escritorio abril-o,  
Como aos astros nos céos faz Deus, sacodes

Ouves ondear na estrophe o teu perfume;  
Vês o universo, que uma voz resume;  
Ha loireiros nuns sons, ha soes, e mais...

E não têm conta as perolas que arranca  
Teu dedo á espuma, que as envolve, ó branca...  
Branca nuvem de uns brancos ideaes!...

## MULHER TRISTE

Quando ella passa como um sol ou lua,  
Rasgando o fundo azul ao firmamento,  
Sinto em tôrno de mim o irradiamento  
De alguma cousa leve que fluctua...

Um leve estremecer de carne núa...  
Um ruido de vida somnolento...  
Um barulho de rosas... e o contento  
Dos lyrios brancos pela espadua sua.

E o ambiente de aroma em que ella nada!?  
E a nesga azul na palpebra pousada  
A espremer-lhe no olhar clarões de aurora!?

Mas tudo, tudo, immerso em funda magua...  
Parece, como a estrella dentro d'agua,  
Que é dentro de uma lagrima que mora..

## A MÃE

Tinha uma graça infinda.. uma estranheza  
Na côr do rosto fina e desmaiada;  
Um toque d'oiro na immortal belleza..  
E a noite, emfim, dos olhos estrellada!

Uma gorda creança pendurada  
A' mamma chupa em langue morbidez,  
E, entre a opala e o rubor de aurora accesa,  
Sae-lhe o bico da bocca entrecerrada.

Uma das mãos já tumida e vermelha  
Suspende e abraça o filho; a outra semelha  
Na brancura, que um leve azul tempéra,

Obra d'arte, que um chim pintasse em louça,  
Emquanto dentro, — em cada olhar da moça, —  
Nada em luz, canta e ri uma Chimera.

## FAREWELL

E' noite. — Pela curva azul celeste  
Fervem astros no enorme firmamento:  
Coração, alma, e sangue, e pensamento  
O pelago do céu profundo investe.

Ó soes, quem essas chlamydes vos veste?  
Ó nebulosas, quem vos roja ao vento?  
Ó abysmo pesado e somnolento,  
Quem te abriu? ou tu mesmo te fizeste?..

Ilhas d'oiro, serenas, luzidias,  
Que alvo procura o vosso eterno adejo?  
Para quem são as vossas harmonias?

Sois bellas. Sois. Mas até logo. **Vejo**  
Que falta ás vossas musicas sombrias  
O murmurio do seu casto beijo.

DE MENINA A MOÇA

Que é isso então? Que incognita tristeza  
A um estranho prazer se lhe mistura?  
Revolve em tórno, dentro em si procura  
De um tal enigma ter qualquer certeza.

Tem-n'a em seus fios novo encanto presa;  
Doce, como a serpente da escriptura,  
Embala-a o amor na voz da formosura,  
Luxuosa chega e o affirma a natureza.

Andava alegre e andava atormentada,  
Vendo num largo céo azul, que abria,  
A alva, que ahi vem, e deuses de emboscada...

Calhandra perto lhe apontava o dia,  
E já manhã, mas inda em nevoa enleada,  
Tudo nella cantava e tudo ria...

IGNOTA DEA

*Pelo azul*

Se houver na terra quem entenda este meu canto,  
Um anjo, um Eloá, espirito de luz,  
Que escadas de setim faz de escadas de pranto,  
E muda em raios d'oiro os cravos duma cruz;

E acolhe um aleijão da sorte sem espanto,  
Sem asco, sem terror, com seus dois braços nús,  
Que estenda sobre mim as dobras do seu manto,  
Que me leve comsigo onde o céo o conduz;

Comsigo se quizer levar-me ao paraíso,  
Basta só que me acolha á sombra do seu riso  
E abra, e arqueie, e me estenda um cantinho da mão:

E fazendo baixar até mim sua imagem,  
Murmure entre afflicção e esperança: — **Coragem,**  
Sempre algum coração quer outro coração...

## A'S PORTAS D'ALHAMBRA

A tristeza, que os olhos teus inunda,  
Sobe-te d'alma, á espessa treva presa:  
E tudo que ella encerra, e nella abunda.  
Se esconde nessa nuvem de tristeza.

Vejo-te assim, phantastica princeza,  
Mendiga á noite, pallida, errabunda,  
Como a miseria lugubre e profunda,  
A's portas duma Alhambra em festa accesa.

Nascestes gêmea com a Aurora, e és filha  
Da luz; e a luz do céo em ti rebrilha:  
Fez-te rainha a formosura, ó flôr.

Porem teu pobre coração vazio  
Faz-te morrer de fome, e sêde, e frio  
A's portas d'oiro dessa Alhambra, o Amor.

## CADAVER DE VIRGEM

Estava no caixão como num leito,  
Pallidamente fria e adormecida;  
As mãos cruzadas sobre o casto peito,  
E em cada olhar sem luz um sol sem vida.

Pés atados com fita em nó perfeito,  
De roupas alvas de setim vestida,  
O torso duro, rígido, direito,  
A face calma, languida, abatida...

O diadema das virgens sobre a testa,  
Niveo lyrio entre as mãos, toda enfeitada,  
Mas como noiva que cansou da festa...

Por seis cavallos brancos arrancada,  
Onde vaes tu dormir a longa sesta  
Na molle cama em que te vi deitada?

A ETERNA VENUS

Quando, nos ricos pantheons, procuras  
Marmores vivos de mulher, ao vêl-os,  
Não sentes inda o susto de perdêl-os,  
Oh! magua! nas catastrophes futuras?

O que Athenas legou de ideaes modelos,  
Typo de raça, em grandes formosuras,  
Quando nos dava as suas creaturas,  
Envoltas só no véo dos seus cabellos!..

O genio grego limpido e quieto,  
Como o céu e o seu mar, guarda no menos  
Trabalhado pedaço o mais completo

Que a arte tem em pentelicos serenos;  
E a flôr nos deu das filhas de Japêto,  
Perfeita, eterna, e immaculada em Venus...

## TRAQUINAS

Com vestido de branca musselina,  
A farta trança negra derreada,  
Sem uma joia, ou brinco, ou flôr, sem nada.  
Era de uma riqueza peregrina.

Tinha a idade da aurora essa menina,  
Magra e forte, serena e descuidada;  
Cada pé numa concha nacarada..  
Crêras, ao vê-la debil e franzina.

Na frente riam desmaiadas côres;  
Dava de um anjo a tímida lembrança...  
Das asas della ouviam-se rumores.

Como uma borboleta que não cansa,  
Tornava a casa num vergel de flôres..  
Lembrava ainda a virginal creança.

SUNT ANIMÆ RERUM

Estrellas, que loucura e garridice  
As vossas danças esta noite tem?!...  
E quem, ha muito tempo, se não risse,  
Vendo-vos rir, deitára a rir tambem.

Arroios desgrenhados de doudice,  
Por entre seixos, que buscaes alem?  
Beijam-se os velhos troncos!... E ha quem visse  
Fremendo um lyrio ao pé de uma cecem!.

A noite é um ninho; o amor uma doçura;  
E quando a brisa pelo azul murmúra,  
Soluça o bosque. e ha beijos pelo val!.

Deuses e deusas turbulentamente  
Passam a rir no laranjal florente..  
Ou chora. ouvis? ou chora o laranjal?.

## QUE VOS DARIA ?

Se tiverdes, um dia, um capricho, Senhora,  
Um capricho, um delirio, uma vontade, emfim,  
Não exijaes o carro azul, que monta a aurora,  
Nem da estrella da tarde o plaustro de marfim.

Nem o mar, que murmúra e ahi vae por mar em fora,  
Nem o céo doutros céos, élo de céos sem fim;  
Que se isto fôsse meu, já vosso ha muito fôra,  
Fôra vosso o que é grande e anda em tórno de mim...

Mostrasseis num só gesto ingenuo um só desejo...  
O universo, que vejo, e os outros, que não vejo,  
Soffreriam por vós vosso ultimo desdem.

Que farieis dos soes, grãos vis de areias d'ouro?  
Mulher, pede-me um beijo e verás o thesouro  
Que um beijo encerra e o amor que um coração **contem**.

## QUAND MÈME

Minha alma anda a voar pelo ambiente  
Com o adejo sem fim da mariposa,  
Que a flôr do paraíso em tórno sente,  
Mas roubar um aroma á flôr não ousa.

Ella quer... quer, aneia, e não repousa,  
Sem saber uma vez, uma sómente,  
Que tu entendes seu amor ardente,  
E que delle te orgulhas qualquer cousa.

Podem outros, que não te entendem tanto,  
Julgar que não mereces o meu canto,  
Que é demais vêr-te sol doirando azues,

Que é meu amor o equivoco de um'hora:  
Que importa? Eu vejo em ti meu céo, embora  
Creiam-te o lume errante dos paúes...

## ILLUMINAÇÃO INTERIOR

Fitas d'oiro bordando o morro e a encosta!...  
Veio argenteo que a cinge, e ondula e bolha!...  
Igneas rosas que o céu sobre elle esfolha!...  
E ante isso a alcôva, a um claro-escuro exposta.

Tens medo? O amor d'este silencio gosta...  
Que suor frio a tua fronte molha!...  
Encosta a bocca á minha bocca, encosta...  
Oh! que o beijo murmúre apenas, olha...

Baixo, caricias; ouvem-nos fazel-as:  
Põe o dedo de rosa ao labio, aurora;  
Deuses e soes, passae, passae, sem vêl-as.

Luz, fica á porta, espera-nos lá fora:  
Rolae ao fundo de minh'alma, estrellas,  
Onde ella está, onde a festejo agora.

## ESCRINIO

Eu imagino perolas perfeitas,  
Que inda dormem nos mares do Oriente,  
E diamantes de esplendidas facêtas  
A rir nos seios do Brasil ardente.

Velludo cróceo, deslumbrante, quente,  
Cheio d'alma odorosa das violetas;  
Ouro, pyrópo, e as rutilas palhetas  
De artista raro, grande, omnipotente...

Cinzel de Phidias, tinta de Murillo  
Para uma joia lucida e sonora,  
Para um escriptorio de divino estylo,

Onde a guardasse, onde, entre pasmo e assombro,  
Ninguem a visse um dia pôr de fora  
A asa que eu lhe conheço em cada hombro.

VIA SMARRITA

Che la diritta via era smarrita.

*Dante — Inferno*

Ella vendo-se só commigo, teve medo.  
Estavamos num bosque á noite: o escuro intenso,  
Apesar do luar bellissimo, o arvoredado  
Lançava em tórno, — um muro em ruinas suspenso.

Na relva aberta, aos pés, havia o olho de um tredo,  
Um carreiro assassino, a illudir-nos propenso:  
Atraz da serra o sol cahira então mais cedo;  
Ao meu lado tremia a folha, ou ella, eu penso.

Vinham tres ebrios dando urros, enchendo o espaço  
De gritos; os perfis de quem foge á procella,  
Que ruma; uma mulher bufando de cansaço.

O vento uivando : — ao longe, ao menos á janella  
Da casa, a luz a rir? não ria: e ella ao meu braço  
A ter terror de mim!... e eu a ter terror della...



## O MAL DA VIDA

Amor, pois, é a esplendida loucura,  
E a miseria de um sol que nos invade?  
Cahiu alguém aos pés da formosura  
Que lhe não deixe aos pés razão, vontade?

Este delirio vem da eternidade,  
Vem de mais longe, eu sei: — quem o procura  
Acha-o mais velho do que Deus: quem ha-de  
Fugir do mal da vida por ventura?

E o amor é o mal que acaba em paraíso;  
E para dar-nos céos num só lampejo  
Basta-lhe um pouco, um nada é-lhe preciso:

De sonhos d'oiro e luz calça o desejo:  
E então, de dia, em rosa abre o seu riso,  
E em ampla estrella, á noite, abre o seu beijo...

TRIUMPHO

Deixo as torcidas, horridas carrancas  
Da inveja e do odio, — um vesgo, outra impotente,—  
E encontro ao vêr-te (ó deuses bons!) em frente  
Abertos, como largas asas brancas,

Teu santo olhar, o teu sorrir clemente:  
A' sombra delles que alegria franca!  
E á mão, como ave tímida e fremente,  
Meu pobre coração á dôr arrancas.

Bebo o céo com seus soes em ti num beijo;  
Eu acho em ti o que amo e o que desejo;  
Tu achas tudo quanto em mim esperas.

E em minha audacia, em meu orgulho dantes,  
Após meus grandes sonhos triumphantes,  
Marcho ao hymno das rútilas chimeras.

## A INVESTIDURA

Quando o grupo invencível dos gigantes,  
Ao som da lyra harmonica tangida  
Movendo os rubros, triumphaes descantes,  
Parou na minha incognita guarida,

E a purpura d'estrellas guarnecida,  
E laços d'oiro, e rendas deslumbrantes,  
Me fez vestir tremi e a minha vida,  
Não maior, não mais calma a vi, que dantes.

Então roncaram por meus pés as settas;  
E ouvindo urrar aos hymnos de victoria  
A plebe vil das ambições inquietas,

Eu sopesava as paginas da historia,  
Rijas, de bronze, e lendo a vida aos poetas,  
Ia-os seguindo á apotheose e á gloria.

IN FIDE

O lindo barco da gentil rainha,  
De estrellas a granel colmado e ufano,  
As sonoras vagas do oceano  
Com prôa d'oiro retalhando vinha,

E, como um lyrio, á flôr d'agua marinha  
Abria as vastas petalas de panno:  
De Nereidas azues um grupo insano  
Em tôrno delle canta e redemoinha.

Como em téla de artista, a recortada  
Montanha, envolta em luz do sol mais puro,  
Enchia o fundo, tumida, aprumada.

E eu a esperava em terra... e tão seguro!...  
Ai! e ainda te espero (e em vão!) amada  
Rainha, ó Gloria, ó Ancia do futuro...

EM PLENO AZUL

Vôa, meu galeão phantastico; galeras  
Companheiras, abri as deslumbrantes velas;  
Rumo ao paiz azul e ideal das chimeras,  
Temporaes, vêde-os ir; vêde-os ir, ó procellas.

Praias de jalde, e d'oiro, e nácar tendes bellas  
Ilhas, que vejo ao longe!... E eu quero-vos deveras;  
Aproaremos a uma onde as doidas querelas  
Rujam dos Immortaes, repartindo às esphas.

Deixo-te, terra, velha eivada de pezares,  
Que a invisivel bordão já tremula se arrima;  
Alga podre do céu, morta estrella dos ares;

Destrôço vão de um mundo, o teu fim se aproxima;  
Nutriste vermes só aos seios seculares..  
Foge, meu galeão; acima, acima, acima...

**GRAVURAS**





## PRIMEIRA MISSA NO BRASIL

*A Victor Meirelles*

Céo transparente, azul, profundo, luminoso;  
Montanhas longe, em cima, á esquerda, empoeiradas  
De luz humida e branca; o oceano magestoso  
A' direita, em miniatura; as vagas aniladas

Coalham naus de Cabral; mexem-se inda ancoradas;  
A praia encurva o collo ardente e gracioso;  
Fulge a concha na areia a scintillar; grupadas  
As piteiras em flór dão ao quadro um repouso.

Serpeja a liana a rir; a matta se condensa,  
Cae no meio da téla: um povo estranho a eriça;  
Sobre o altar tosco pau ergue-se em cruz immensa.

Da armada a gente ajoelha; a luz golfa massiça  
Sobre a clareira; e um frade, ao ar, que a selva incensa,  
Nas terras do Brasil reza a primeira missa.

A CHRYSALLIDA

*A Capistrano de Abreu*

Cae das pedras a fonte: iria o chamalote  
D'agua arrufada ao sol — a joia do seu manto;  
E uma mulher, quebrando o bello talhe, emtanto  
Parece que procura apanhal-o num pote.

A attitude em que está levanta-lhe o saiote,  
E desce-lhe o corpete; é vê-la assim um encanto;  
Tem a molleza e o ardor da barra d'oiro, emquanto  
Coalha na lingoteira o fulvido lingote.

São amplos os quadris; os dois pequenos peitos  
Têm brancuras e azues, são duros e perfeitos;  
Sae do collo o fulgor da porcellanã fina.

Chrysallida ideal, donde irrompe a Phrynéa,  
Tem a fôrça que doma, a graça que fascina...  
E na carne a rugir pantheras de alcatéa...

SANGUINEA

*A Alberto de Oliveira*

Longe... vasto horizonte retalhado  
De serras côr de um glauco-azul, distantes;  
Brumas por cima, como véos fluctuantes;  
Perto... o fragor das musicas do prado.

O acre, o intenso balsamo exhalado  
Da matta, onde andam Faunos, como dantes;  
Rochedos ideaes, e as espumantes  
Aguas do rio ás cristas pendurado.

Um cheiro bom das cousas, que embriaga;  
A luz que sobe, sobe, embebe, alaga  
O azul enorme; a garrula manhã,

Correndo a oiro e perolas as nuvens...  
— Ora!.. Deus plagiando um quadro a Rubens?!..  
Quando isto vir, o que dirá Rembrandt? !

### GRAVURA MYSTERIOSA

Por que? Não sei: mas tu entras nesta gravura.  
Olha. — Um torso auroral de deusa, o oval nitente  
Da alva barriga, o incendio, o alarido, a fartura  
Da trança, em que ella esconde o que tem de serpente..

Ha na téla, em cada angulo, o esboço intelligente  
De um sileno, os dous pés de cabra, a catadura  
Impossivel, grotesca e austera, impertinente  
E lasciva, obliquando o olhar á formosura.

Matto; anões; gryphos maus entre enigmas; orgias  
De chimeras floreado uma banalidade;  
O infinito a fugir por baixo de arcarias

Finas, atorçalando o vago e a obscuridade...  
E eu quantas vezes vi que tu dalli sahias,  
Como um sylpho atravessa o aranhol de uma grade!

## A FONTE QUE EXTASIA

*A Arthur Azevedo.*

Por soberbos degraus de marmore luzente  
Sobe-se ao chafariz de bronze; e despenhada  
Em perolas subtis e em grãos d'oiro a corrente  
D'agua cae como gaza apenas arrufada.

De um lado a embebe, a doira, a iria o sol cadente,  
E doutro a fere a sombra aerea e desmaiada,  
Que vem de uns véos de opala, em que anda envolto o ambiente...  
Afoga-se em silencio a abobada azulada.

Duas pombas irmãs na nitida brancura,  
Tendo os pés côr de rosa á borda da bacia,  
Bebem, rugando o collo:—e emquanto a agua murmúra,

E um Amor de metal, que encima o aquario, espia...  
Uma linda mulher, que a jarra encher procura,  
Deixa que ella transborde e ante o Amor se extasia.

## PAISAGEM NOS ALPES

*A Garcia Redondo*

E' noite — Invade a téla a luz azinhavrada.  
Agua larga, folheada em mica iriante e aço,  
Vem de longe: após lambe astrágalos da arcada,  
Que uma ponte romana ergue aos hombros no espaço.

A lua, como uma ave immensa depennada,  
Paira sobre a torrente; um monte enterra o braço  
N'agua, que foge, espuma, urra, ulula entalada,  
Emquanto a um tempo a envolve em sombra do espinhaço.

O leito é abrupto, vasto, os angulos cosidos  
De rachítica relva, e o vento, que murmúra,  
Anda no pinheiral, vê-se aos ramos torcidos.

Sobre a ponte um chalet das rochas se pendura,  
E ouve-se um grande cão enchendo o ar de ladridos,  
E um lobo a uivar, que surge a meio da espessura.

## O CÃO DA TERRA NOVA

O pae sahiu: a mãe sae, e o filhinho deixa  
No berço, um anje rubro em céu do Hespanholêto;  
E vae serena e forte, e vae sem uma queixa,  
Com seu amor, que é d'ódio e de ternura feito.

A um Terra-Nova escuro, um cão á casa affeito,  
Fia a flôr dessa carne, e o oiro dessa madeixa:  
Ai! de quem nesse lyrio, o seu thesoiro, mexa;  
Ai! de quem se approxime, estranho e alheio, ao leito!

E enquanto dorme e ri, e ri e dorme a creança,  
Como em tórno de um barco o mar as vagas lança,  
Cerca-a do seu olhar, e interroga-a... O que quer?..

E o paternal carinho o engrandece e illumina,  
Como auréola ardente em cabeça divina,  
Como em virgem, que sonha, um sonho de mulher.

## UM TIGRE AO LUAR

*A Felix Ferreira*

Cae no bosque o luar... Como o luar é lindo!...  
A abobada do céu tem os leites da opala.  
Um cheiro penetrante e doce a matta exhala,  
Nuns phantasticos véos os hombros encobriendo.

No silencio, em que jaz, comtudo está-se ouvindo  
A meiga voz, a voz de amor, com que ella falla;  
A sombra, que soluça, a luz num beijo a embala...  
Desce um vago tremor do firmamento infindo.

Como numa aquarella, escôam-se os caminhos...  
Ha passos no moital... ha barulho nos ninhos...  
Ha Dryades na relva.. ha Deuses pelo ar...

Um sabiá rompe o canto á beira da floresta,  
Emquanto um tigre vem solemnemente á festa,  
E escuta-o sob o pallio aberto do luar...

RUBENS

Um conde italiano, moço e airoso,  
Emfim suspende o toque da guitarra;  
E inda retalha a esplendida fanfarra  
O ambiente morno, lubrico, cheiroso.

Um negro esbelto, fino e musculoso,  
Vermiculada d'oiro argentea jarra  
Sustem na salva; impertinente goso  
Lança ao vestido da duqueza a garra.

Pinta Rubens a eleita: — ahi vem, ahi passa;  
Olha-a, erguido o pincel; passou; — mistura  
Nova tinta; compõe: a doma, a enlaça.

Palmas ao mestre; a triumphal pintura  
Venceu: de hoje em diante á eterna graça  
Junta o poema da côr a formosura.

VAN - DYCK

*A Arthur Barreiros*

Tintinam taças dos crystaes mais finos  
Da Bohemia no marmore da mesa;  
Fervem ainda os vinhos purpurinos  
Das jarras d'oiro; a sala splende accesa.

Principescos senhores, femininos  
Rostos, que fulgem de ideal belleza,  
Juntos, e em varios grupos peregrinos,  
Conversam: canta emtanto uma duqueza.

Emquanto mãos de artista e de fidalgo  
Tiram de um cravo a musica escolhida,  
Brincam sobre o tapete um negro e um galgo.

A sala é um céu, um firmamento a vida...  
E entre elles, — grave a pallida figura, —  
Van-Dyck estuda uns toques de pintura.

ALBERTO DÜRER

Mas. por que Dürer dava a eternidade  
Do seu nome immortal, com tanto esmero,  
Para salvar do olvido a fealdade,  
Como que diz: eu devo, eu posso, eu quero?

Delle se ouvia: — O tempo é meu, quem ha-de  
Erguer o tempo contra mim? — E o Homero,  
E o Hesiodo da côr, tremendo e fero  
Enchia o monstruoso de verdade.

E viva horriavelmente a natureza,  
Se estorcia na téla e na gravura  
Do grande artista, a um fogo enorme accesa.

Quem nos explica pois essa loucura,  
E a causa dessa intermina tristeza?  
Que mal lhe fez, um dia, a formosura?..

OVIDIO

Com que dôr tu deixaste Roma, e em Roma  
O coração, que em ti foi tudo, ó poeta!  
A gloria ia a embalar-te a vida inquieta,  
E um bello sol de amor, que a doira, a somma.

Teu plectro a Orpheu os sons mais doces toma;  
Tem o teu surto incircumscripτα méta;  
A inveja, um cão sem asas, jamais doma  
A uma aguia o vôo, a um genio obra que ênceta.

Ao exilio embora o odio te sagra, o exílio  
Dá mais doçura ao hexametro latino;  
Ha todo um campo em flôr num teu idyllio.

Na dôr, que em ti pranteia, alvora um hymno;  
Fulge a lagrima delle em cilio e cilio;  
Cantar, soffrer, ser deus, foi teu destino.

DANTE

(Gravura de Botticelli.)

*A Luiz Murat*

Sobe de um vão tonilho ao estrondear de vozes,  
Que urram, rangem mordendo a lobrega floresta:  
Na chlamyde romana, e sob os louros resta  
Parado o mantuano ante as bestas ferozes.

A purpura, que rola até aos pés, empresta  
Uma austera tristeza ao companheiro; atrozes  
Gritos golpeando o ar, que a noite em pranto infesta,  
Dão-lhes ao rosto a côr das lívidas chloroses.

Pragueja, ulula o horror do desespero eterno:  
Sombras em multidões regougam, rugem... O inferno  
Entornou sobre a téla o escopro de um gigante.

Embalde!... A téla, a pedra, o bronze não aguena  
Os soes negros chispando em meio da tormenta,  
Em que andam genio, amor, e as coleras de Dante...



## NUPCIAS DE ARTAXERXES

*A Valentim Magalhães*

O sandalo, que enerva, o nardo, que embriaga,  
Nas caçoulas queimado em fumo se desata,  
Que se enrosca em festões na vasta columnata;  
A harpa curva estremece á fina mão que a afaga.

Dentre as columnas vê-se o azul, que em luz se alaga,  
Tamareiras gentis, nopaes de sombra grata:  
O alto estrado real de marmore e de prata  
Manchá um jorro de sol, como uma enorme chaga.

Artaxerxes de pé ao lado da judia  
Tem o prazer da fera, — uma calma sombria. —  
Dá tons de sangue a luz á festa nupcial.

D'Africa e d'Asia a fôrça e o orgulho aos pés avista:  
E o seu olhar, que lambe a esplendida conquista,  
Darda em tórno a algidez aguda do punhal.

## UM CHRISTO ALLEMÃO

Ha um Christo allemão de um cunho peregrino:  
Fronte espaçosa sob uma cabeça loura,  
Escrinio que o ideal purissimo enthesoura,  
Barba bem penteada, e rosto feminino,

Longo cilio, que adoça a luz do olhar divino,  
Pelle branca, que o sol do Oriente apenas doura,  
Uma bocca gentil, que para o beijo fôra,  
Se ella não fôra para outro melhor destino.

Nada altera esse gesto eterno de bondade;  
Guarda ainda a belleza, a graça, a magestade,  
Entre dous homens vis, nú, em sangue, na cruz.

Gosto deste ideal: a dôr mais o levanta.  
Por seu supplicio, por sua obra grande e santa...  
Merecia ser Deus o pallido Jesus.

**MARINHAS**





## A APANHADEIRA DE CONCHAS

Phantastica explosão de oiros e pedrarias!...  
Rendilhados Kremlins em chamma.. O sol declina...  
Soprando torto buzio, impa o vento, e na fina  
Areia arrasta á dança as nereidas bravias.

Recortam-se num fundo azul as serranias,  
E os navios aquem arfam, e os illumina,  
Esculpindo-os no ar, a tarde purpurina,  
Na nota escura das igneas oleographias.

Pobre mulher na praia, acaso, neste instante,  
Colhendo conchas, só, — ouvindo a cantilena  
Das vagas, com um sorriso agarrado ao semblante,

Como a alga ao seixo, alvar, vil, mesquinha, pequena,  
Pelo oceano estendendo a sombra de um gigante,  
Dava um toque de vida humana á vasta scena.

## EFFEITOS DE LUA

*Ao paisagista Decio Freire*

Ha nas serras, em arco, a forma da moldura  
Que fecha em roda a vasta e limpida aquarella:  
O claro-escuro é bom; tem perspectiva a téla;  
Vibram toques de luz no céu de tal doçura

Que a mesma noite ri e aos astros se mistura;  
Dorme-lhe o oceano aos pés, como o leão da novella;  
Ao terral, que chegou, a agua apenas murmúra;  
Duas barcas de pesca arfam por cima della.

Da indolencia em que a vaga embala-se e fluctua,  
Como um corcel do mar, que o dorso de repente  
Dardo em chamma feriu — salta, avança, recúa...

Do alto viso do monte, entre arvores, em frente,  
Fisga-lhe as flexas d'ouro a caçadora núa,  
E ao largo-verde flanco as torce lentamente...

## GAIVOTAS

Do crespo mar azul brancas gaivotas  
Vôam — de leite e neve o céu manchando,  
E vão abrindo ás regiões remotas  
As asas, em silencio, á tarde, e em bando.

Depois se perdem pelo espaço ignotas,  
O ninho das estrellas procurando:  
Cerras os cilios, com teu dedo notas  
Que ellas vêm outra vez o azul furando.

Uma na vaga buliçosa dorme,  
Uma revôa em cima, outra mais baixo...  
E ronca o abysmo do oceano enorme...

Cae o sol, como já queimado facho...  
Do lado opposto espia a noite informe...  
Tu me perguntas se isto é bello?. e eu acho...

## SURPRESA

Dorme a cidade. A noite á fronte della assenta  
O aureo resplendor de estrellas, com que c'rôa  
Os martyres tambem; a brisa somnolenta  
Perpassa, e ouve-se quasi o cahir da garôa.

A' pesca. — Enche a maré ruflando: esta hora é bôa.  
A vaga oscilla, vem, cae, soluça, rebenta,  
Como um beijo de amor na areia, em doce e lenta  
Caricia: a agua festeja a aligera canôa.

O pescador então fincando o remo, lança  
O passaro marinho á vaga azul, que range,  
Ferve: canta-lhe após a rir uma esperança.

Mas subito pegão, que as asas fôscas tange,  
Nos anneis de uma serpe invisivel, que avança,  
Vibra-lhe a lua, como ensanguentado alfange...

PINTURA A FRESCO

Como um cysne pousado na lagôa,  
Por onde as asas côr de neve estende,  
E que, se ao fundo azul do céu não vôa,  
O fundo azul das mansas aguas fende..

Assim a fina, a querula canôa,  
Que lado a lado as duas velas prende,  
Talha, como estilete, o mar com a prôa,  
Que todo em oiro e perolas se accende.

Sentado ao leme o canoeiro aspira  
A acre aragem, que vem como uma lyra  
Cantar-lhe á marcha doce e preguiçosa.

Fundem morros e céos num arabesco..  
E o quadro assim ao sol parece um fresco  
Que um Rubens pinta ouvindo um Cimarósa.

## A CANÔA

Ella notava então... (e com que graça  
Ella notava com seu lindo dedo!...)  
A vaga azul do mar lambendo a medo  
Leve canôa, que oscillando passa.

E' quasi do tamanho de uma taça...  
Vae rente e rente á beira do rochedo...  
Ai! se a asa, em que vae, se lhe embaraça,  
Morre a ave marinha alli bem cedo!...

Isto dizendo, tristemente ria,  
Porque seu casto riso de alegria  
Tem de outro riso a eterna viuvez.

Mas os ricos thesouros de Golconda,  
Que ella mostrava no sorriso á onda,  
Tinham mais brilho e mais valor talvez.

COUSAS DA TARDE

Era o disco do sol, no poente, um forno  
Aberto, a chamma calma, e côr de rosa:  
É a lua, uma camelia branca, adôrno  
Que tinha a tarde azul na trança ondosa.

Creára o amor o acaso, e a voluptuosa  
Hora, e o logar, e o monte escuso, em tórno  
Do qual as vagas, num marulho morno,  
Gemiam, como quem ou soffre ou goza.

Profundamente um cheiro glauco e amargo  
Aspiravamos nós, num beijo insano...  
Num beijo insano, demorado, largo.

Fugia ao longe um barco a todo panno...  
E era uma dôr sumir-se... sem embargo  
De quanta verde luz enchia o oceano...

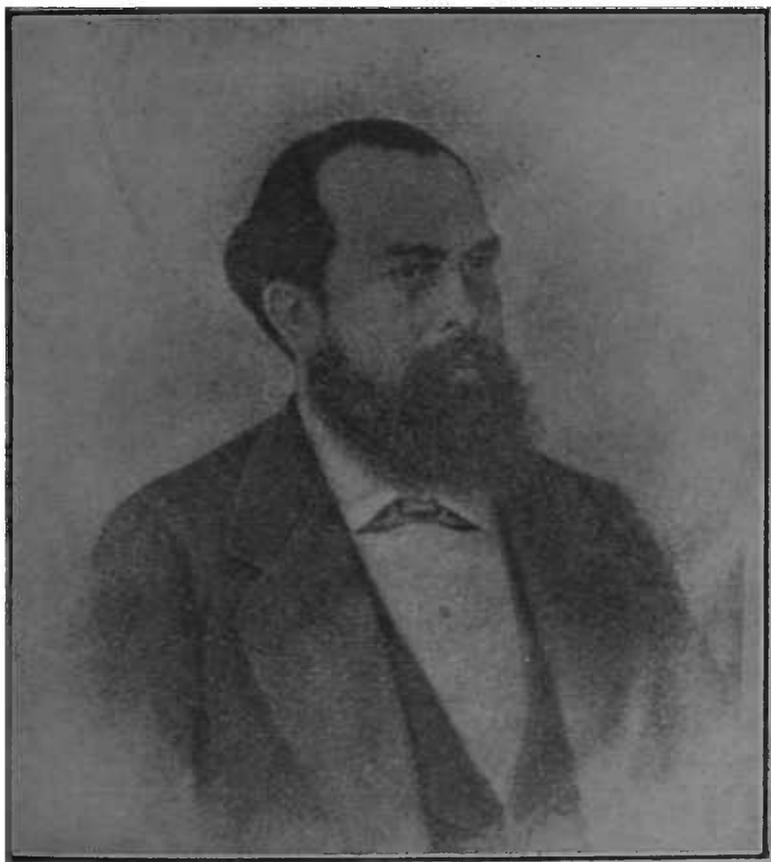
## PELA PRAIA

Vão mais depressa... Deixa-os. — Dá-me o braço;  
Vem das sombras do monte, em roda, o escuro;  
Ha muita tarde; o medo é prematuro;  
Não temas: vá, mais devagar o passo.

Mais devagar... assim. Esse cansaço  
Cura-se, haurindo lentamente ar puro;  
Não receies; teu corpo ao meu seguro,  
Encostado, é mais leve, encurta o espaço.

Olha os teus pés; levanta um pouco a saia,  
Quel-os beijar o mar, os quer, e afaga:  
Cae a noite? — Que tem que a noite caia?

Com que delicias o terror nos paga,  
Quando vamos tão bem a sós na praia,  
Ouvindo a flauta ao vento, e o buzio á vaga!...



Luiz Delgado

Aos trinta e cinco annos



## DANÇA DE TRITÕES

Vasquejava o oceano indomito defronte:  
Como corolla agreste, a choupana de pinho  
Abria-se por sobre o dorso hirto do monte,  
Entre o alacre esplendor do matto em flôr, vizinho.

Como aranhol de festa, a lua no horizonte  
Alumiava o areal e as curvas do caminho;  
Na praia, negro, horrendo, a coma em desalinho,  
Parecia o penedo asperrimo Caronte.

Nelle atada uma lancha: a lancha arfando inquieta...  
E elle rijo, de pé, nessa inflexivel recta;  
Pela grama descia um carreirinho ao mar;

E mulheres enchendo-o, e um grupo de creanças  
Riam, vendo na praia a cadencia das danças  
De espadaúdos Tritões, buzios soprando ao luar.

## A FARÇA DOS MORTOS

Quando a Aurora ao surgir ia ensopando o espaço  
De aromas bons, parou:— que fez parar a Aurora?  
Fugiram-lhe, em remoinho, as pombas do regaço,  
Cahiram-lhe do cinto as rosas d'oiro em fora.

Os passaros, que prende á tenda, que decora,  
Poisavam-lhe, cantando, á coma, ao hombro, ao braço;  
E em pé, de um lyrio viu, a nau que o mar devora  
Ha tres dias, rosnando ante astragalos d'aço.

E onda á onda entoaya uma odysséa ignota;  
E os cadaveres rindo um riso alvar de idiota,  
Mostrando os dentes e movendo os olhos tortos,

Rolavam numa dança insana e persistente:  
E o velho oceano os via, e zombava egualmente  
Da ironia dos céos e da farça dos mortos...

## NOCTE OCEANUS

Como um milhar de leões—disse-me o Oceano—eu rujo!  
Pois bem: á tarde, em pé, eu vi do tombadilho  
Do barco em que ia, entrar no occaso o Sol, por cujo  
Antro ainda lançava ao longe igneo rastilho;

E a Noite vir, trepar, subir, como um marujo,  
Por mastros e brandaes cheios de asas, e brilho  
De anneis de aço e de bronze areados, — num sarilho,  
Manchando tudo em tórno ao pulso enorme e sujo...

E eu surprehendi embaixo o mar numa humilhada  
Attitude ante o Céu calmo, estrellado e frio:  
E essa agua assim escura, ondeante e fatigada

Parecia-me então um polvo luzidio  
Que pelo dorso immundo e visguento, agarrada,  
Arrastava na sombra a concha do Navio!



**LEVANTINAS**





## ARCO

Viajo agora ebriado o velho Oriente...  
E eu que sei o esplendor das formas tuas,  
Que és branca, como o luar das noites suas,  
Que és, como o aroma dos seus bosques, quente,

Tendo-te sempre em meu pensar presente,  
Lagôa funda e quieta em que fluctuas,  
E que a beijar-te as doces carnes núas,  
Nunca sinto fartar-me e estar contente:

Em chão sáfaro mesmo, ou mau, que piso,  
Rasgo, estendo, armo, enfloro um paraíso,  
Granizo soes e o solo é delles cheio.

Mas das rútilas cousas que imagino,  
Tu só me déste, ó puro ser divino,  
Lampada d'ouro eterna em céos que arqueio...

## A SÊDE DE PADIXAH

A' noite o Padixah rarissimos instantes  
Furta ao labor imperial: dorme sob o crescente,  
Na verdura, Stambul; arfa a aragem do oriente...  
Vôa á vela o cahique em ondas de diamantes.

Leva só velho eunucho, e a escrava adolescente,  
Núa. quasi em nudez, as formas deslumbrantes,  
Cantando á harpa tricorde uma canção dolente,  
Que faz vêr, como um sonho, as mesquitas distantes.

Num descuido de harem, numa graça felina,  
— Ouves? quero beber o céu, Abdul dizia;  
— Ouço: e estendendo a mão branca, comprida, e fina,

Ella, por não lhe dar o que no olhar lhe ria,  
Perfidamente meiga, em taça byzantina  
Dava-lhe o céu, que em fogo o Bósphoro accendia...

PALACIO DE VERÃO

*A Mucio Teixeira*

Tremem beijos do sol na fina porcellana  
Do palacio imperial, redondo e torreado,  
Sobre os crystaes do rio Amarello pousado,  
Onde passa o verão a gentil soberana.

Ella, — as horas, que vão morosamente, — engana,  
Por entre as grades pondo o rosto cinzelado,  
Como um vaso de cobre em Pekin trabalhado;  
E o olhar molhado em luz, que sussurra e espadana,

Solta-o pela corrente abaixo, ao longe. . e espera,  
Como outro sol, luzindo á pôpa da galera,  
Entre os seus mandarins, o bello imperador;

Vê-se entre o ferro as mãos, louras como manteiga,  
E as unhas de coral, e a expressão vaga e meiga  
Da mulher quando oscilla entre a saudade o amor.

## A' CONQUISTA DO SOL

O guarda-sol de sêda á mão longa e alourada,  
Como o bronze que luz nas jarras de Pekin,  
E o leque noutra mão, cuja folha espalmada  
De pennas de pavão abre sobre marfim,

Andando sobre os pés, como um'ave pousada,  
Curtos pés em prisão dentro dum borzeguim,  
Que a levam, como a vaga oscillando, embalada  
Pelas brisas do mar no verde mar sem fim,

Sobre campos de chá, cuja flôr branca alveja,  
Entre bambús em moita e rotins verde-escuro,  
A' cuja sombra o kiosque ao céu azul adeja,

Torres de porcellana e de caulim mais puro...  
Ella vae esperar que o imperador a veja...  
Põe no filho do sol o sol do seu futuro.

O - HANA

Não tinha O-Hana a côr amarellada  
Dás pinturas da louça japoneza;  
Mas... era branca, e de uma tal fineza,  
Como a da neve aos fogos da alvorada.

De estirpe regia e antiga, era princeza  
Com todos os prestígios de uma fada:  
Nada faltava á oriental belleza  
Dessa mulher encantadora... nada.

De um chamicen seu nome era a harmonia,  
E, quando alguém O-Hana repetia,  
O céo, a rir-se, o festejava ao ouvil-o.

Amava o chá, as flôres e os diamantes:  
E seus olhos de raios crepitantes  
Brilhavam, como soes num mar tranquillo...

PEROLA QUERIDA

Perola azul de esplendido horizonte,  
Onde a aurora encontrou eterno asylo,  
Pois te aureóla tanta luz a fronte,  
Como a luz com que o sol alaga o Nilo,

Perola em cima do mais alto monte,  
Como a lua de olhar doce e tranquillo,  
Desejo, diz Abdul, não sei se o conte,  
E, se contando, tu rirás de ouvil-o...

Rica joia do Cairo, eu desejava  
Ser o pórphydo branco, em que se lava  
Teu rosto, e as mãos fulgindo entre os anneis,

Mas sobretudo, ó perola divina,  
Quizera ser a fonte crystallina  
Em que te banhas da cabeça aos pés...

## FELIZ - INFELIZ

Fi lhe dizia: — A tua bocca, que arde,  
E' como a luz, que chega e enche o caminho.  
N'alva a calhandra, o rouxinol á tarde  
Cantam ao collo teu branco de arminho.

Quem uma vez soffreu o teu carinho,  
Quem foi só, por mais só enfim que seja,  
Atraz não volta, e nem voltar deseja:  
Ánda, e não sabe mais andar sózinho.

Leva de ti a sombra, o brilho, e o aroma;  
E um ar de deus vencido, que se annulla,  
O desgraçado para sempre toma.

Em ti o sol lhe nasce, a ave modula,  
E sabe que beijando a mão, que o doma,  
Outro a beijou, e em breve um outro a oscula...

NASCER DO SOL

Accorda, como emir voluptuoso,  
Na calida ebriez de essencias puras,  
E traz a enorme cicatriz do gôzo  
O sol, trajando as largas vestiduras.

A' noite, que de esplendidas toucuras,  
Beijando huris em raivas de amoroso!  
E o divan, — entre nitidas brancuras, —  
Guarda mal o segredo duvidoso.

Vêem-se amarellos sandalos na cama,  
Lençóes esparsos, véos da côr da chamma,  
Laca vermelha, cintas e coraes,

Sandalias de esmeralda, ramalhetes,  
Argolas d'oiro, fulvos braceletes,  
E o acre rubor de carnes ideaes!

O FELAH

Guarda o sultão Rhamsés um diamante,  
Um rubi, uma perola Moabita,  
Que era do seu harem a favorita,  
De um bello olhar de ferro chammejante.

O raio doce, trémulo, iriante  
Dava a luz dum punhal, que ao sol se agita :  
Mas tinha um gesto ás vezes supplicante  
De estrella que de um lago azul nos fita.

Um felah, que uma vez a viu sómente,  
Ficou doido e dizia a toda a gente :  
— Não hão de ser os meus desejos vãos

Quando vir que por ella eu choro tanto...  
Virá com beijos recolher meu pranto  
A's taças brancas das marmoreas mãos.

## A FESTA DO RAJAH

Rajah Nallá-Tambyr-Modelear 'stá sentado  
Num coxim, um primor da Persia, numa sala  
Que forra o vetiver com arte entrelaçado,  
E que, ao panká que passa, o morno odôr exhala.

Medrosa a luz por entre as esteiras resvala  
— Odalisca a pasmar num serralho fechado, —  
E o ardente huká, que entrança um filó perfumado,  
Numa sombra discreta o fulvo ambiente embala.

Por columnas, que têm a graça das palmeiras,  
Da varanda, que em tórno o doce éden rodeia,  
Adivinha-se a acacia, os bambús, as figueiras...

Escôam-se os chocrás. a musica escasseia...  
Morre... e logo depois ouve-se a sala cheia  
Dos beijos de Nallá.. dos ais das bailadeiras...

OCCASOS

Thou Fou pensava: — Ó Fchitrá, queria  
Dar-te a beber em vaso primoroso,  
Do caulim, que não ha mais hoje em dia,  
O pranto meu, que já conter não ousou.

Junto a ti gole e gole, e gôzo e gôzo,  
Haurindo o aroma, que de ti viria,  
E um chá côr do teu corpo saboroso,  
Eu lentamente, e quasi alegre, iria.

Na pintura da taça, enfim, teu brando  
Olhar, um rio ao vento a arfar, percorre,  
Vendo um cysne, e um golfinho atraz, nadando,

Emquanto a luz prateada e molle escorre  
D'agua azul, machucada, em pregas, quando  
Frio o sol, e o amor teu mais frio, morre.

## O ADUAR

No aduar serpenteia a fila de elephantes:  
Têm brilhos de yatagan os recurvados dentes,  
E por sobre os fakir's austeros e indolentes  
Torcem, ao sol que os morde, as caudas palpitantes.

O cansado cornaca, á sombra dos gigantes,  
Dorme na areia: ao sul ha miragens ridentes;  
Passam trombas ao norte, e beduinos distantes:  
A alma do mar rodando em todo o areal presentes.

O junco verde e esguio, o rotim em soqueira  
Emergem d'agua, que dentre as uranias mana;  
Do cardo olha o chacal; o tigre o ambiente cheira;

Na tenda o panká freme; a musica espadana;  
Bate os pés, gira, salta, ondeia a bailadeira;  
E o emir, que ella inebria, esquece a caravana...

O MINUTO DE MEI-BI

Mei-Bi á tarde, em hora scismadora,  
E Yuan comsigo, tremulo, indeciso,  
Olhava ao largo e ao longe o negro friso  
D'agua, como um cabello que o sol doura:

E dizia-lhe Bi: “Se o instante fôra  
Eterno, eterno fôra o paraíso,  
A' sombra accessa e bôa do teu riso,  
Na minha a tua mão cavada e loura;

Num grande fogo, em purpura o occidente,  
O bangalô entre os rotins mettido,  
Na areia fulva, á margem da corrente;

O vento a amarrotar o teu vestido,  
E a levantar-o mesmo de repente,  
Num beijo curto, curto e irreflectido...”

## O RISO DE BAHVANY

Assim dizia, Abdul á Bahvany: — Deitado  
Tens á bocca de aurora um riso em flôr, que ebría,  
Como um fakir repousa ao sol do meio dia  
Sobre um tigre de dorso escuro e assetinado.

Tem o humilde animal o fundo olhar velado:  
E' uma cama doce, electrica, macia;  
E abre indolentemente a fauce, onde á porfia  
Ha marfim, ha coral roseo ao mar arrancado.

Morde o somno o fakir, o domador da fera:  
Esta, mau grado a calma intensa, inquieta espera,  
Lambendo as garras d' aço e afiando-as ao chão.

Rosa fulva tambem sobre os teus labios dorme:  
Jaz teu riso, o fakir, enquanto o tigre enorme  
Ouve nelle o rumor das maltas do Indostão...

## O UNIVERSO DE ALIN

No esplendido al-maraje e na indolencia  
Que pede o Oriente tepido e cheiroso,  
Maharajá — flôr e joia de opulencia, —  
Ouvia ao poeta Abdul, grave e em repouso.

E Abdul cantava: — Alin, a uma innocencia  
— Um lótó branco em vaso melindroso, —  
Amava tão sem calma, e sem prudencia,  
Que a fazia chorar para seu gôzo.

Na doce luz da lagrima chorada,  
Como o lago em que um cysne corta e nada,  
Banhava-se cantando um rouxinol.

Era Alin: — E o universo, elle dizia,  
De novo nos seus olhos se fazia...  
E era esse orvalho... o seu primeiro sol.

## O FAKIR E O SULTAO

Tinha o fakir um sestro, uma cegueira:  
Amava a filha do sultão Mohamméde;  
Vêl-a, e beijar-lhe as mãos, é quanto pede;  
E leva nisso sua vida inteira.

Soube o sultão, e disse-lhe: — Esterqueira,  
Que come arroz de Mangalor e fede,  
Põe o Koran á tua cabeceira,  
E que do meu caminho Allah te arrede.

Senhor, diz-lhe o fakir: — Sou um cachorro;  
Mas... que quereis?... por vossa filha morro,  
Soffrendo alegre o criz que me ferir.

Quando os meus olhos nas estrellas cravo,  
Têm ellas que temer do pobre escravo?  
Que mal lhes faz o misero fakir?...

O KUN E O NUN

Contam: — De Cachemira um rei antigo,  
Que ao das Indias negava vassalagem,  
Andava langue, fraco e sem coragem,  
Tudo occultando ao seu melhor amigo.

Falla um dia ao vizir: — Virás commigo.  
E foi com elle á esplendida paragem:  
Parecia que o odôr da propria aragem  
Dobrava-o, como á branca flôr do trigo.

E ás montanhas azues erguia os dedos:  
Desenhavam-se o Kun e o Nun ao fundo  
Do céo sereno, esplendidos rochedos.

E diz: — Que longo amor, que amor profundo!  
Pois só as pedras sabem-lhe os segredos?  
Não ha dois corações eguaes no mundo.

THOU FOU

Thou-Fou prendeu, em folha que escolhera,  
Mundos d'oiro de uns olhos luminosos,  
Rubis de argola, prasios de pulseira,  
Da fulva sêda os poemas capitosos,

joias da bocca, que á baunilha cheira,  
Dos pés d'ave que oscilla os tons radiosos,  
O azeviche da trança, e, ondeada e inteira,  
A forma rôta, antemostrando gozos,

Em bronze esborcinado as mãos pequenas,  
E essas, que vôam no seu ninho apenas,  
Duas pombas em que ninguem tocou:

E quando veiu o vento do levante,  
Leva, diz, dando-a ao vento, á minha amante;  
Vendo-a, dirá: vem delle; é de Thou-Fou.

A SULTANA

Foi festa, e grande, em toda a Cachemira  
Quando chegou, montada no elephante...  
Viu-se em leve sandalia de saphira  
O seu pé de uma alvura deslumbrante;

Colhendo as sêdas, sua mão ferira  
Com luz nevada a multidão, deante  
Da qual o rosto apenas descobrira  
Na sombra do riquissimo turbante;

Mas quando viram seus nevados seios,  
Brancos, riscados de azulados veios,  
C'roados de uma auréola de cabellos,

— Tenues fios de estrella que irradia...  
Para não offendel-a á luz do dia  
Fugiram della ao trote dos camellos.

## UM DRAMA NO DESERTO

Tu ias sobre o dorso do elephante,  
Já perto das ruinas de Balbek,  
Aromando o teu rosto de diamante  
Com sandalos do teu flexivel leque.

Tu vales Cachemira deslumbrante,  
Vales Mafoma e Allah, inda que eu peque;  
Por isso eu ia á sombra do gigante,  
Lamentando não ser um grante xeque.

Quando o simum soprando de improviso,  
Muda em nugas de areia o paraíso,  
Em que ias tu, ó flôr de madhavi!...

Eis que te salvo em meu robusto braço...  
E quando o sol furou de novo o espaço...  
Teu doce olhar a me morder senti!...

CAPRICHOS DE SARDANAPALO

“Não dormi toda a noite! A vida exhalo  
Numa agonia indomita e cruel!  
Ergue-te, ó Radamés, ó meu vassallo!  
Faço-te agora amigo meu fiel...

Deixa o leito de sandalo... A cavallo!  
Falta-me alguém no meu real docel...  
Ouves, escravo, o rei Sardanapalo?  
Engole o espaço! E' raio o meu corcel!

Não quero que egual noite hoje em mim caia...  
Vae, Radamés, remonta-te ao Himalaya,  
Ao sol, á lua... vóa, Radamés,

Que, enquanto a branca Assyria aos meus pés acho,  
Quero dormir tambem, feliz, debaixo  
Das duas curvas dos seus brancos pés!.. ”

## A NUBIA

Alegre, fresco, limpido, cantando,  
Na eterna mocidade das torrentes,  
Passa pelos destroços esplendentes  
De um povo grande, agora miserando,

O velho rio, o manto desdobrando,  
Riscada á noite pelos soes ridentes:  
Da bocca azul os crystallinos dentes  
Vão os restos dos templos triturando.

Ahi comtudo o Nilo — enorme espelho —  
E em sua tenda o negro esbelto e rude,  
E o aligero corcel, e o tigre e o leão,

E o dromedario, e o céu, e o Mar Vermelho  
Têm inda o viço, as côres e a attitude  
Das paisagens da Biblia e do Alcorão.

## MEMPHIS

Ammon-Râ lança esplendidas zagaias,  
E veste o Nilo azul de oiro e diamantes:  
E os loireiros em flôr, das curvas praias  
Olham, manchando-o, as velas palpitantes.

Maior embandeira: os bandos doudejantes  
De pardaes e bulbues cantam nas faias:  
Fila de acacias, renque de gigantes  
Cedros circumdam da cidade as raiais.

Entre estatuas graníticas do Syena  
Levanta a fronte rútila e serena  
Memphis, que doiram rindo eternos soes.

Dizem della: — As estrellas serão mortas:  
Mas dentro a mole de esculpidas portas  
Hão de sempre reinar os Pharaós...

## ECBATANA

Das espaduas graníticas do Oronte  
Ergue, como um cocar de pennas de ouro,  
Seus templos grandes, vastos, como um monte.  
Roja-lhe o mundo o universal thesouro.

Rugem leões; pantheras rugem. — Louro,  
Nopal, acacia enfloram-lhe o horizonte;  
O sol pousa-lhe a garra á altiva fronte;  
Cantam vagas do Caspio ao longe em côro.

Reluctam, ruem ás portas da cidade,  
De sêdas, joias, ouro e cheiro alteados,  
Mil elephantes; ri-se a mocidade.

E clamam, vendo-a os hospedes chegados:  
“Sultana d’Asia, tens na eternidade  
A perola em que pões teus pés dourados.”

## O DEUS DO SILENCIO

Não sei por que; porque dizer não ousou:  
Seguindo estancia e estancia o antigo rito,  
No templo d'Isis, adorava o Egypto  
O deus sem voz, o deus mysterioso.

Milhões d'olhos de um vago olhar afflicto  
Cobrem-lhe o corpo; e em languido repouso,  
Guardando um gesto altivo e desdenhoso,  
Poisava á bocca um dedo de granito.

E como um olho só, tudo isso olhava  
Do fundo de uma orelha, que o envolvia:  
E aos seus pés vendo a turba imbelle e escrava,

O mudo olhar inquieto ardia em lava...  
Porem... quanto mais via, e mais ouvia,  
Menos fallava o deus que não fallava...

O BRAHMANE

I

*Ratnadjata*

Outros soffrem, diz Fi, desta tortura,  
E achar devem na taça a mesma lia:  
Bebe-se o amargo e o doce de mistura;  
Se o mesmo valle o cardo e o lyrio cria!...

Rolar no lóto em flôr da formosura,  
Emquanto um outro espera e anciado espia?!...  
Sombra igual abre o céu por noite escura,  
Luz igual abre o céu por claro dia.

Ouvil-a, é ouvir a lyra de Nārada;  
Mas como a estranha voz que diz serpente,  
Ou diz collar de perolas, quem brada

Nunca sei; — em que phrase ella não mente...  
Mas quando a beijo, e em mim a sinto enleada,  
Creio-a minha... oh! ser minha eternamente...

II

*Miçrakéçi*

Disse o Brahmane em casa: — Estão brincando?  
Miçrakéçi morreu, não é? Que importa?...  
Como a andorinha o azul do céu recorta,  
E atrás duma vem outra, e outra, e um bando,

Uma cabeça appareceu á porta,  
Deitou a medo obliquo olhar, recuando...  
Mas alguém, que a palpou, num gesto brando,  
Murmúra: — Sim, cahiu.. mas não 'stá morta.

Para Fi era emtanto um corpo extinto:  
Rolára do seu culto de repente,  
Como uma estatua que escapou de um plintho.

— Morreu; ella morreu? se inda está quente...  
Lhe respondiam; Fi tornava: — Eu minto?!...  
Então 'stá morta para mim sómente...

III

O BRAHMANE VIVO

Eis o sagrado Brahmane que habita  
Aquelle canto da floresta indiana,  
Olhos fitos na abobada infinita,  
Toda a alma cheia de uma idéa insana.

Immovel, mudo, nada mais o agita;  
Sustenta-o só a caridade humana;  
E a passarada garrula se engana,  
Põe-lhe o ninho á cabeça, e ás mãos dormita.

A faia, a tamareira, o aloes selvagem,  
A umbella cada qual dos ramos lança  
Naquella doce e veneranda imagem.

E a sombra, que aos pés delle oscilla e dança  
Ao som do kin da perfumosa aragem,  
Fal-o rir, como estolida creança!

IV

O SUPPLICIO DO BRAHMANE

Deixou oiros e marmores de Ellōra,  
Por não mentir ao seu divino Brahma,  
E foi na selva, onde o silencio mora,  
Furtar-se ao encanto da mulher: é fama.

O amor tambem santos varões devora,  
Com sua intensa e voluptuosa chamma;  
E o Ganges muitas vezes não derrama  
Tanta agua como quem taes males chora.

Hoje vegetação luxuosa medra  
Em tórno d'elle, que parece pedra,  
E envolve-o no seu verde turbilhão;

Cantam-lhe em cima os rouxinoes em bando;  
E quem passa parece ouvir cantando  
A alma do monge a eterna dôr em vão!...

V

O BRAHMANE MORTO

Como rocaes de matisada escama  
Brincam-lhe ao collo as serpes enroscadas;  
São quedas d'agua a reluzir á chamma  
Das longas cãs as ondas arrufadas.

O olhar já lume interno não derrama;  
Trepam-lhe ao dorso as relvas enfloradas;  
E ha um faceiro e pequenino drama  
De lyrios rindo em orbitas furadas.

Num hombro á tarde o rouxinol gorgeia;  
Saltam lacraus da fenda dos artelhos;  
'Stá do aroma do santo a selva cheia.

Quem o vê põe por terra os dous joelhos:  
E ouvireis, quando ao vento a matta ondeia,  
O Brahmane inda a murmurar conselhos!...

VI

O BRAHMANE MORTO, A RIR

As lianas em flôr, dos pés á fronte  
Subindo, e os nós do corpo sujeitando,  
Guardam, depois de morto, ao venerando  
Brahmane o gesto em que viveu no monte.

É o leão, e o tigre mosqueado, e o insonte  
Passaro, e a aurora, e o sol, e o luar brando,  
E as estrellas que fervem no horizonte,  
Ha seculos, que o vêm a rir, passando.

Junto delle ri tudo, e a tamareira,  
E a acacia, e o cedro, e a fonte que marulha,  
E a luz do céu e o disco da clareira...

Os grandes dentes brancos da caveira  
Têm no seu rir descommunal tal bulha,  
Que arranca igual risada a selva inteira!

VII

O BRAHMANE E AS ALMEIAS

Quem entra o bosque? — As rútilas Almeias  
Têm de bronze polido o corpo fino;  
Vêm em bando; entrelaçam-se em choreias  
Bailando aos pés do Brahmane divino.

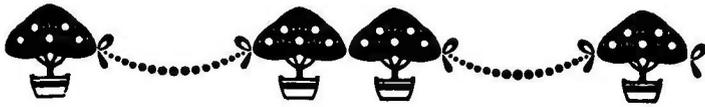
Fazem rir; ri a matta á dança e ao hymno:  
Pensam ellas que o santo monge, em vendo-as,  
Ha-de sentir das lubricas amendoas  
Dos olhos seus o dardo crystallino,

E não de accordar o secular dormente:  
As mammas bolem, chispam-lhes scentelhas  
Das mãos, dos pés, em saltos de serpente;

As faces brilham humidas, vermelhas;  
E do arcabouço vêem golfar sómente  
Phalenas d'oiro, turbilhões de abelhas...

**MOSAICOS**





## O VERSO

Juntae bem, e num grupo, cousas bellas,  
Cousas viris, ideaes, em sons diversos,  
Com phrases d'oiro, azues, rubro-amarellas;  
Dae-lhes o rhythmo e a luz dos universos:

E da arte grande, donas e donzellas  
Riam-se, e os parvos, rusticos, perversos..  
Só sobre o tempo ficarão aquellas  
Que o poeta salve em sonorosos versos.

Quando ninguem tiver mais na memoria  
De um rei a fama, um campo de batalha,  
Algum retalho esplendido de historia:

Quando um imperio, emfim, já nada valha,  
Nem deixe data, ou busto, ou vil medalha,  
Pode um verso guardar-te o nome e a gloria.

## NUM CARRO DE BOIS

Cum sol oceano subest.

*Horacio*

Desde a infancia, immortaes, vós sonhadores sois!...  
Vós, ó poetas, só vós, ouvis a symphonia  
Que espalhavam na estrada, ao declinar do dia,  
Um velho, um carro tosco e dous morosos bois!...

Que véo d'opala e d'oiro em pó fino os cobria...  
Como, a se entrecroçar, inclinavam-se os dois!...  
Pelas cercas á flôr a luz inda sorria,  
Dulias de aroma á luz cantava a flôr depois!...

Quando, a aguilhada ao hombro, o carreiro indolente,  
Deixava-me ir na caixa, agarrado aos fueiros,  
De lá eu via o sol descer pisando, ao poente,

Espaduas collossaes de deuses prisioneiros;  
Emquanto ouvia já passar furtivamente  
As Dryades no valle, os Sylphos nos outeiros...



## A PEQUENINA DIVINA COMEDIA

Bello dia de campo!... A noite inteira  
Choveu: o fio d'agua da torrente  
Augmenta, engrossa; a ponte de madeira  
Resiste mal á cheia recrescente.

Vem, rio abaixo, ilhóta florescente,  
E traz num galho um ninho, de maneira  
Que parece afundar-se, tão á beira  
Vae da vaga ululante, hirta, imminente.

O ninho tem tres passaros arfando,  
De olhos grandes, cerrados, nús, sem pennas...  
Da borda em cima a triste mãe piando,

Vôa mais alto, e volta, e louca apenas  
Busca salvar o grupo miserando  
Nas pobres asas, humidas, pequenas...

LUCTAS

Vens para me perder. Desces á arena  
Disposta já para a batalha rude,  
Cahida ao collo em ondas a melena,  
E branca, como Ophelia no ataúde.

A orelha núa, o nimbo da virtude  
C'róa-te a fronte placida e serena;  
Simples no gesto, casta na attitude...  
A sala comprehendendo-te.. pequena,

Muda, cheia de enleio, e quasi escura,  
Para melhor fazer, como em moldura,  
Brilhar a neve do teu rosto... então

Chego-me a ti com medo, a voz tardia,  
O passo incerto, a mão molhada e fria..  
E acho mais fria a tua propria mão!..

PENDANT...

D'aquí a uns annos mais, que mais esperas?  
Ha de incender-se o céu d'estrellas d'ouro,  
Pelas curvas azues as primaveras  
Espalharão o seu cabello louro...

As covas se abrirão como crateras,  
Berços e ninhos se encherão de chôro,  
E hão de fugir nas aças das chimeras  
Os sorrisos e as lagrimas em côro...

Os dias, esfolhando as igneas rosas,  
Bem como um bando d'aguias luminosas,  
Varrerão a amplidão dos céos risonhos...

E Deus, no emtanto, somnolento, calmo,  
Verá surgir a treva, palmo e palmo,  
Sobre a nossa existencia e os nossos sonhos!...

## ODIO ESTERIL

Gosta de vêr a multidão rendida  
Esta mulher, mais velha irmã da aurora,  
Que, ha muito tempo, do botão da vida  
Toda nova, a aurea fronte poz de fora.

Comtudo a luz da tarde amortecida  
Doira-lhe a tez da côr triumphal de outrora,  
E inda conta, sorrindo, hora por hora  
Muita cabeça aos seus dois pés cahida;

Seu poder, cheio de desdens, não cansa:  
E o alfange rubro, o seu rir voluptuoso,  
Abate a quantos enche de esperança.

Mas eu... por lhe não dar estranho gôzo,  
Dou-lhe o meu odio... e sei que esta vingança  
E' um lobo a uivar por seu luar formoso!...

## DEUS OMNIPOTENS

Sabem? O amor é o deus omnipotente,  
Que fecunda o universo, e o traz suspenso:  
A ouvir-se um largo beijo (ouvil-o eu penso)  
A luz multiplicar-se em luz se sente.

O seio, que arfa, e ascende, e desce, o ardente  
Astro accusa em si mesmo: é fogo denso;  
Eu, como o argueiro e o espaço, ao sol pertença;  
Ha pedaços de sol em nós sómente.

Têm-se contado já num grão de areia  
Muitas mil existencias: por ventura  
Ha céos, que amor em seus abysmos crêa?..

Vêr mais mundos ahi, será loucura?  
Do amor, que aos soes dá vida, a vida é cheia:  
Vermes, deuses, e soes amor mistura.

## O AMOR DO MENDIGO

Gosto de todas: amo-as loucamente..  
Uma, em que palpo o esculptural contôrno,  
Dispo, tiro-lhe até o ultimo adôrno:  
E ouço a forma cantar num corpo quente.

Fremendo o coração, em fogo a mente,  
Chispa, scintilla, como acceso forno;  
E o meu olhar, vulcão sangrento e morno,  
Dardeja-lhe punhaes, que ella não sente.

Mendigo, em descalcez, rôto, esgrouviado,  
Tendo-a núa ao meu seio, amor ensaio...  
Abre-me o sol um leito avelludado:

Aureóla-me a fronte, em deus, com um raio  
De um sonho roseo ao fundo, ella a meu lado...  
Sob a umbella do céu azul desmaio.

A DREAM

Da paz massiça dos anachoretas,  
Embebidos nas limpidas esferas,  
Eram tambem as minhas horas feitas,  
Quando era eu teu e minha então tu eras.

De ti em torno, como as borboletas,  
Na verde luz das tuas primaveras,  
Queimando as asas d'oiro e das chimeras,  
Mal, um dia, as abri, estavam pretas.

No fogo dos teus olhos que devora  
O branco aroma ás brancas açucenas,  
Cria haver toda em corpo e em alma a aurora,

Enchendo o céu d'ampas manhãs serenas,  
Um céu sem fim, um céu pelo céu fora..  
È isso tudo... era um largo sonho apenas..

## AS NAUS

Sobre as asas pairando, as naus entram, na lenta  
Marcha de aves do mar, que chegam fatigadas:  
E, enquanto aos pés em flôr uma vaga rebentã,  
Outras cantam solaus, rindo em tôrno grupadas.

Parecem cathedraes marmoreas, torreadas,  
Fugindo a um velho mundo, e fugindo á tormenta,  
Que entre nichos de pedra, e agulhas lanceoladas,  
Rolam pesadamente a mole corpulenta.

Dromedarios do mar — intermino Sahara —  
O' naus, vós affrontaes os cyclones, o grito  
Negro, que sae do abysmo, e uracões, cara a cara:

Sois mais que esses trophéos lendarios de granito,  
No seu pannejamento enorme de Carrara...  
Vós, cuja base é o oceano e a cupula o infinito.

OS GRANDES ANONYMOS

Esbôço rude dos Rembrandts infantés,  
Alma que pelos soçs com deuses priva,  
Raça frustrada de titans errantes,  
Quem te foi mestre em obra assim tão viva?

Que o ar, a sombra, a luz, em tudo plantes,  
Dando ao conjunto estranha perspectiva!...  
Assim o poeta ás odes deslumbrantes  
Rhythmo, e harmonia, e graça, e ardor captiva.

Morangos, figos, pecegos, amoras,  
Maçãs, laranjas, mangas, ananazes,  
O que é desenho e côr embalde ignoras;

Mestre sublime, com teus fructos fazes  
Quadro em que rufa um triumphal de auroras,  
E echoára o hymno de pinceis audazes..

## MIRABEAU E O CANTO DO CYSNE

Luz divina e pagã, vem tu em meu soccorro,  
Vinde, flôres com ella, e com ella a alegria  
De um pedaço de sol, de um pedaço de dia,  
De um pedaço de céo, onde o azul golfe a jôrro.

Perfumes sideraes, chamaes-me? Eu vou; eu corro:  
Por tarde o rouxinol, pela alva a cotovia,  
Quem os pudera ouvir cantar, como os ouvia:  
Mulheres, como é bom viver comvosco, e eu morro.

Orchestrissae, clarins: — tempo, ebria-te, ó louco;  
Amor, canta um idyllio, e entre eu nelle inda um pouco;  
Gloria, açula-me a carne, e accende-me aos teu soes!

Athleta, estás de pé: ousa alguém desarmar-te?  
Se é preciso partir, vae; é cedo, mas parte:  
Deuses, vós conheceis os deuses e os heroes...

## DOUDO SUBLIME

Ante o quadro de Driendl, representando  
*Ferreira Vianna*

Da idade média esplendida figura  
A' geração moderna transplantada;  
Tem de um nimbo de santo a fronte orlada,  
Azul, do muito céu que lhe mistura.

Foi o Pedro Eremita da Cruzada,  
E, como Conde ou Rei, a sepultura  
Buscou de Christo, a arder na fé mais pura,  
Reluzindo-lhe ás mãos tremenda espada.

A doce côr do rosto macilento  
Accusa o asceta ao fundo de um convento,  
Crendo em visões, melhor sabendo vêl-as.

Sabiu do horror das luctas de um Synodo,  
Ebrio de luz, sublimemente doudo,  
Bom para andar num carcere de estrellas.



DRAMA ESCHYLICO

A' tarde. — A casa á praia. — A brisa harmoniosa.  
Movendo a juba d'oiro, amarello, de lei,  
O mar era o leão de forma fabulosa;  
Lentamente a estendia ao sol, o velho rei.

E as creanças riam, quando a mestra corajosa  
Lhes disse, a rir tambem: — Aos vossos paes dizei,  
Que o collegio acabou, e que eu mesmo acabei...  
E para sempre — adeus, anjinhos côr de rosa.

— Ó mãe, clama a familia então, — findou a escola?...  
Mãe... ó mãe, amanhã pediremos esmola!!...  
Aquella voz, que ulula, e accusa, — a ré, a ouvil-a,

Ergueu-se, e o peito em chaga aos filhos mostra... e os sonda..  
O céu se abria atraz da ulcera hedionda:  
E a ulcera era uma estrella em radiação tranquilla!...

SUB PARVA LUCERNA

*Pauperis somni aula*

Sobre a commoda antiga o oratorio domina:  
Tem elle um Christo velho e mau, á cruz pregado  
Ao centro: a um lado um santo, a Virgem de outro lado...  
Anda lá fora, ao luar, um passaro que trina.

Pelas fisgas da porta entra o vento. — Franzina  
Creatura, formosa e alegre, destrançado  
O comprido cabello ao collo, inda se inclina  
Sobre o berço de um louro anjinho entreacordado.

Ella só alvoroça em festa o pobre asylo;  
Um athleta, ao rir bom do seu olhar tranquillo,  
Dorme assim como o mar, que ronca num escolho.

E esse impalpavel corvo, a escuridão, de um canto,  
Busca a alcôva metter sob as asas, enquanto  
A tenue luz de longe o fita, como um olho.

RENVOI

*A Valentim Magalhães*

Salta-te em casa a aurora peregrina,  
Num berço d'oiro, num alegre espanto:  
Eis que a ouves cantar, e o proprio canto  
Faz-te soffrer de embriaguez divina.

Teu astro tem frescura matutina  
Em vitreo azul cheiroso e calmo, e emtanto  
Pensas que elle do meio ao occaso inclina:  
Ebrio de luz, é de prazer teu pranto.

Pois não vêem?! . Porque chilram passarinhos  
Entre os verdes palmares dos caminhos,  
Porque te entrou mais um do aéreo bando,

Porque tens mais um coração a amar-te,  
Ficas todo a chorar, e dás-nos parte  
Que tens no lar um novo sol cantando!..

## AOS CEM DIAS DE UM JORNAL

Quando, cheias as velas, a galera  
Ia zarpar ás Indias Orientaes,  
Na praia havia muita gente á espera,  
Toldavam pavilhões os arsenaes.

Via-se a mole triumphante e fera  
Ante os mares dos Gamas e Cabraes,  
Certo, que se não faz a volta a esphera,  
Sem calma agora, agora temporaes.

Tu, pequenina nau do ipê mais duro.  
A cem dias navegas a bom vento,  
Alerta ao leme um sabio palinuro.

Cavando o oceano após o pensamento,  
Vaes buscando as idéas do futuro,  
Forte na fé do teu descobrimento...

## VOTOS

### *Num anniversario*

Creança, a quem na alegre festa brindo,  
Bebendo este aureo, espumaroso vinho,  
Auroras brancas forrem-te o caminho,  
Doire-te a vida a luz do sol mais lindo;

Beijem-te as faces primaveras rindo,  
Dêem-te flôres o aroma, e não o espinho,  
Vias-lacteas de opala, e prasio, e arminho  
Deixem-te os hombros seus pisar subindo.

De caricias, amor, enche-lhe a cama,  
Segui-o em bando, deusas da memoria,  
Do ideal do bello, natureza, o inflamma;

Dá-lhe uma folha do teu livro, historia,  
Epopeias, predeei-lhe o nome e a fama,  
Amplas portas do templo, abre-lhe, ó gloria...

## CHRISTO NUMA MEDALHA

Foi com amor igual ao do que inda ardê e ateia  
Ximénes, Becerril, Arphe, que estoutro inventa,  
Com desejo infinito, e paciencia lenta,  
Esmaltar um metal, a que um Christo encadeia;

De um fundo flavo e quente a cabeça rebenta,  
Como uma flôr que inclina o sopro de uma idéa,  
E o Salvador do mundo, o filho da Judéa,  
'Stá na creança já, que o mundo á mão sustenta.

Ô seu olhar é doce, é calmo, é transparente;  
Subir d'alma e transpor céos em fora se sente;  
Ha sobre tudo um pó de amortecida luz.

Como de uma caçoula, edenico perfume  
Sae do manto, que faz já d'elle estranho nume,  
E um nimbo d'oiro á fronte encima este Jesus.

## UM CHRISTO DE REGISTRO

Num quarto de papel commum, com quatro pregos  
Sustentado á parede esboroada e escura,  
Um Jesus Christo á cruz, sangrento, se pendura:

A cabeça cahida ao peito, os olhos cegos  
Pelo frio da morte; o corpo na postura  
De um cadaver que já fôrça alguma segura...

A candeia apagou-se em um supremo arranco,  
Vermiculando de fumo e scentelhas tudo: ..  
E o Grande Morto jaz immovel, grave, mudo,  
Sem que a luz o acoberte em seu velario branco...

Dormem por perto. O ar, que se respira, é quente:  
E um besoiro, que vem, que vae, sem que alguém veja,  
Como um orgão de sons enchendo alguma egreja.  
Mette uma nota austera e rouca em todo o ambiente..

## UM CHRISTO NO TYROL

Quando a terra de Dante e de Petrárca, a amiga  
Italia Heine pisou, o sol no azul radiava,  
E aos sons d'agua a correr um tyrolez cantava  
Ora um hymno guerreiro, ora velha cantiga.

Sentada no poial, graciosa rapariga  
A' porta do palazzo, em ruinas já, fiava,  
Como grega rainha, ou como grega escrava,  
No bello ideal de Homero — a Penelope antiga.

Um Christo no jardim, obra de antepassados,  
Fronteiro á mole immensa, e a velal-a, existia:  
Perto o pombal, mais longe os montes azulados.

Como as creanças outrora, as pombas recebia  
Nos seus dous braços nús, á cruz inda pregados,  
Bom sempre, inda que triste, o filho de Maria...

## O CHRISTO ROMANO

Eis o rei triumphador, que acclama a populaça,  
Em cujas faces ri em cheio a mocidade;  
O que une o céu á terra, a terra ao céu abraça,  
E abre, pelo sepulcro, édens á humanidade.

Tem nos gritos da côr a voz da tempestade:  
A chamma, a luz, o ostro é multidão que passa  
Pontuando o manto azul, roubando a austeridade  
Do Jesus do evangelho amor, bondade e graça.

Um grande coração, que o fogo purpureja,  
Brilha, em pleno, ante o peito; e um dedo longo e fino  
Do proprio Christo o aponta: a auréola dardeja

Raios em tórno á fronte; arde o olhar sibyllino...  
Mas este Deus só quer salvar a sua egreja,  
E não o mundo ao erro e á cruz do seu destino...

## TÉLA ACHADA

Essa rosa que fulge alli no valle,  
Entre outras, olha, vê, é a mais rosa :  
Porem não sabe o que é, nem quanto vale,  
E a apanha a mão primeira e descuidosa.

E' como tu: quem ha que a ti se eguale?  
Sabes o brilho, e o aroma, e a primorosa  
Côr que te veste a pelle setinosa?  
Ninguem te disse o que és? não ha quem falle?

Mas o tempo reduz tudo a ruina:  
Não te sentes cahir, mulher divina?  
Mesmo assim, quem te beija, Amor, te goza.

És como téla de pintor de fama,  
Perdida e achada soterrada em lama,  
Rôta no centro, rica, e inda formosa...

## PARTIDA DE UMA ANDORINHA

Podeis ir, soes de amor, não mais vos fecho  
A's mãos; — parti, rolae noutras esferas:  
Céo azul de minha alma, isto é deveras?  
Este era pois o lugubre desfecho?

Que veiga toda a abrir-se em flôres deixo!  
Valle cheio de sombra e de chimeras,  
Meu confidente e o della ha pouco inda eras!...  
Deuses, não, não de vós, de mim me **queixo**.

Nella um calido raio d'oiro eu tinha  
Daquelle olhar divinamente terno,  
Idyllio bom, que embala a quem caminha.

E eu, que julgava este meu sonho eterno,  
Busco inda o vôo á ultima andorinha.  
Mas donde vem assim tão cedo o inverno?...

## ALTAR SEM DEUS

Inda não voltas? — Como a vida salta  
Destes quadros de esplendidas molduras:  
Mulheres núas, raras formosuras...  
Só a tua nudez entre ellas falta...

Pede-te o espelho de armação tão alta,  
Onde revias tuas formas puras;  
Pedem-te as cegas, lubricas alvuras  
Do linho, que a paixão no leito exalta.

Pedem-te os vasos cheios de perfume,  
Os dunkerques, as mesas, as cortinas,  
Tudo quanto a mulher de bom resume,

Escolhido por suas mãos divinas...  
E sae do teu altar vazio, ó nume,  
A tristeza indizível das ruinas..

IGNOTUS !

Ha Deus, se alguém de um Deus a prova exacta **der-me**.  
Não vale Paganini um passaro no ninho;  
De Thenard ou de Würtz o opulento cadinho  
Não dará nunca ao mundo o ovulo de um verme.

Que prova? — Isso mais nada. E eterna, muda, inerte,  
A esphinge!... A esphinge sempre em meio do caminho:  
Um céo findando noutro, os céos em torvelinho,  
E num giro fatal o esterquilinio e o germe!...

Como uma sombra informe atravessando um muro,  
Pelo fundo do abysmo azul um vulto escuro  
Passa ás vezes — Quem foi? O esquema de um de nós

Loucamente buscando a mão que enflora o monte,  
Ou quem esculpe a noite, e lhe circula á fronte  
A tiara d'oiro, a tiara enhamada de soes!...

### SOBRE O PÉGASO

Upa, ginete, aos céos, em marcha. — Espora ás ancas,  
Redeas presas ás mãos, a velha estrada mudo...  
Rasguemos regiões mais limpidas, mais francas,  
Quero vêr se esta eterna dôr da vida illudo.

Vamos. Sinto-me alado, e firme, e erecto, e mudo;  
Amor, nem mesmo tu destes azues me arrancas:  
Vão como envolvido em duas asas brancas,  
Que são a minha guarda e a minha fôrça em tudo.

Aqui de longe, aqui, por uma esphera vasta,  
Tendo sob os meus pés o globo, que se arrasta,  
O dardo ao flanco, ao passo o tedio do cansaço;

Vendo o orgulho com que vão nelle os homens todos,  
Num alarido, como um turbilhão de doudos,  
Upa! grito ao ginete, em marcha, espaço.. espaço!...



**CAMONEANA**



**GLORIFICAÇÃO BRASILEIRA A LUIS DE CAMÕES**  
**NO**  
**TERCEIRO CENTENÁRIO DA MORTE DO POETA**

(10 de Junho de 1880)





*Luis Peláez*

Aos setenta annos





I

*A Luis de Camões*

LEÃO ALADO

Como um leão, que volta, e vem do firmamento,  
Tinta a bocca de luz dos astros immortaes,  
E que na fulva garra — ousado e famulento, —  
Arranca ao céu azul pedaços colossaes...

E sacudindo a crina e as asas d'oiro ao vento,  
Como ás girafas dos seus patrios areaes,  
Das estrellas no collo — indomito e violento, —  
Mette o dente... e revôa em procura de mais..

Seu genio assim — Leão alado da harmonia, —  
Roubava as ideaes estrellas da poesia,  
Pendurando-as da patria aos multiplos florões...

Quem não ouve o fremer dos mundos fulgurosos,  
Nos hombros carregando os versos sonorosos  
Do canto secular que nos legou Camões?!

II

A LUIS DE CAMÕES

Dae-me o vosso rumor, indianicos mares,  
Vosso aroma e verdor, mattas orientaes,  
Vossa voz, ó leões, vossa sombra, ó palmares,  
O' céos, o vosso azul, e os soes, com que brilhaes;

Fragrancias de Ceylão, que volitae nos ares,  
Macau em cuja gruta inda echôam seus ais,  
Eu desejo sómente encher-lhe os seus altares  
Da luz, da voz, do amor com que inda o festejaes.

Ó rei, maior que os reis da nação que cantaste,  
E que de eterna luz a cova alumiaste  
Da terra onde estendeste as estrelladas mãos...

Ergueste o solio augusto em penhas de Calvario,  
Ó poeta immortal, tres vezes centenario,  
Mendigo que tiveste os soes por teus irmãos.

III

A LUIS DE CAMÕES

Emquanto ao fogo intenso, em que o peito te ardia,  
Do teu grande padrão fundias o metal,  
Emquanto o eterno molde a tua phantasia  
Riscava do poema enorme e colossal...

Emquanto o monumento acabado sahia  
Sellado por teu genio olympico e immortal,  
Emquanto a eternidade a tua obra envolvia,  
E punhas ante Homero o seu maior rival...

Emquanto se ebriava a terra a ler teus versos,  
E vinham do horizonte ouvir povos diversos  
A epopeia do mar e da navegação...

Ó Luis de Camões, ó grande sombra morta,  
Nas ruas de Lisbôa um jau de porta em porta  
Para seu amo esmola um pedaço de pão.

IV

A LUIS DE CAMÕES,

Devias ter colhido estrellas luminosas  
Para fazer o fogo enorme e creador,  
E o bronze preparar das formas grandiosas  
Da estatua do feroz e horrendo Adamastor.

Devias ter bebido ás curvas graciosas  
Do céu o leite doce e cheio de vigor,  
Que sae dos seios nús das scintillantes rosas,  
Para pintar Ignez — a perola do amor.

Devias ter sorvido as lagrimas da aurora,  
Para a Venus gentil pintar, quando ella chora  
Perturbando no Olympo os deuses immortaes.

Mas para encher de soes teu canto immorredoiro  
Devias ter roubado ao Deus a penna d'oiro,  
Com que elle pinta o azul a traços colossaes.

V

*A Luis de Camões*

A VOZ DA SOMBRA

E para responder, a sombra despertando,  
Quando lhe foram lá por elle perguntar,  
Dos braços nús terror e annos gottejando,  
A fronte levantou da pedra tumular.

Tinha terrenas cãs, o aspecto venerando,  
Mássica noite de tres seculos no olhar,  
Estrellas nos rasgões do fato miserando,  
E o silencio que canta em noites de luar

E disse: — Quando o Eterno ergueu o firmamento,  
Nos soes e turbilhões fixou seu pensamento,  
E escondeu-se detraz de sua obra immortal.

Por que buscaes Camões num tumulo sombrio?  
Jesus tambem deixou seu tumulo vazio,  
E o tumulo de um Deus é a alma universal.



# NUVENS E RAIOS





## VERITAS VERITATUM

E' mais louco talvez quem mais estuda!  
Dizer que a luz se extingue e tudo alaga,  
Que aquillo que morreu, não morre, muda...  
Morre e não morre, apaga e não apaga!...

A vaga treme, expira, e é sempre vaga!  
A morte vive em cada cousa muda;  
A dôr que morre, qual! não morre, e ajuda  
A dôr que canta no seu ninho — a chaga.

Alma feita de luctas e procellas,  
Na espumarada vã das cousas mansas  
Rolam mortas milhões de cousas bellas,

Boiam milhões de mortas esperanças;  
E, tu, minh'alma, morta em cima dellas,  
Morta... e vives ainda, e não descansas!...

WISH

E's a corrente, eu sou a barca apenas:  
Tu vaes, eu vou singrando ao sol, que a doura;  
E quando venha a noite sonhadora  
Encher-te o seio azul de cantilenas,

Emquanto o céu a fronte de açucenas  
Cinge, como se negra noiva fôra,  
E banha as vagas limpidas, serenas  
De quanta branca perola enthesoura,

És a corrente, eu vou: vaes ao infinito?  
Irei tambem: caminho, e não reflecto:  
Não ha contigo para mim mau porto.

Mas.. se um dia lançar-me um'onda á syrte,  
Que inda assim cante o escôlho, e o escôlho a rir-te,  
Mostre n'agua dançando alegre o morto.

## TERROR DO PARAISO

Eu que tenho vulcões jorrando fogo e lava,  
Eu, que os ouço bramir, e lacerar-se em chamma :  
E em que manhã brutal de um céu feroz derrama  
Punhaes d'oiro e de luz, que nos meus seios crava :

Eu, que ouço o temporal, que horridas pugnas trava,  
Que ruge, ulula, raiva, estoira, morde, brama,  
Sendo minh'alma o palco em que se move o drama  
Colossal, como em bronze Eschylo os moldurava...

Que ouço em meu sangue ruir os sopros da procella,  
Só em vê-la, a sonhar, sómente em pensar nella,  
Quando a vejo em nudez illuminada, a sós,

Quando o meu coração ao seu conchego, absorto  
Empallideço, tremo, e caio, como um morto  
Hirto, frio, sem ar, sem luz, sem côr, sem voz..

VIA CRUCIS

Aquelle mente; aquelle alli não só me nega,  
Como me ultraja; este outro engrandece-me, e odeia!...  
E nunca illusionou-me o canto da sereia;  
E vi sempre que a gloria aos Caucasos nos leva!...

Passae, Proteus, passae, na indomita refrega,  
Que arranca o rio ao leito, e muda em lodo a areia:  
A torrente, que arrasta o furacão, é cega;  
E eu amo a calma, a paz, a luz, que vem da idéa.

Sinto em mim novo ser, um ser novo e divino,  
Quando um calumniador off'rece-me o destino,  
Para poder ser bom, perdoando-lhe o mal.

Infame e vil, não quero a folha de um loureiro;  
Immaculado, e puro, e intemerato obreiro,  
Prefiro ser o sangue a ter sido o punhal.

## A PEDRA

É então a rocha dura da montanha,  
Grande, como um pedaço do infinito,  
Lá por dentro em seu torso de granito,  
Não é á magua universal estranha?

Quando uma a outra, em largo amplexo, apanha,  
Pela fatalidade desse attrito,  
A voz humana accusa, e trae num grito,  
E vê-se o fogo que ellas têm na entranha.

Consolo á dôr tambem ninguem lhe opponha,  
Quando emfim dos latibulos de um cofre,  
No rumor largo da expansão medonha,

Saem-lhe do seio lagrimas de chofre...  
A pedra pensa, e porque pensa, sonha;  
A pedra vive, e porque vive, soffre...

A BIBLIA DE ALCALÁ DE HENARÉS

O sabio cardeal Ximenes, já bem velho,  
Arcebispo e ministro ao lado de Fernando  
E Isabel, ambos reis, um dia desejando  
Dar na vulgata, e em mais de uma lingua, o Evangelho,

Fez imprimir a Biblia, esse polido espelho  
Das tradições christãs, sacrario venerando  
De poesia e de historia, em Alcalá; e ao mando  
Juntou para Brocario, o editor, o conselho.

Tudo que em arte é bem, rico em typographia,  
O velino, a vinheta, a estampa, a illuminura  
Em volatas de côr e em rubro espasmo ardia.

E quando creu assim ter preso um povo, — o cura  
Não viu Deus, que atacava ahi dentro a dictadura,  
E á liberdade e á luz a alma da Hespanha abria!...

SOMNO

Dormindo nós, o espirito tem olhos.  
E' um cego, não vê, quando accordamos...

*Éschylo*

Não, Éschylo, não creio no que dizes:  
Quando se dorme, o espirito então vela?!  
Quando se dorme são os infelizes,  
Que, em carro d'oiro, a providencia atrela.

Nenhum tormento asperrimo os flagella:  
Nem têm da luz aos nitidos matizes  
Amor, ou ambição, que os torça, e nella  
Não soffre um'alma as navalhadas crises.

O somno é doce balsamo nas chagas,  
E faz parar as lagrimas vertidas,  
Como a pesca das perolas nas vagas.

Ah! que seriam de milhões de vidas,  
Sem dar-lhes, noite, a morte, com que apagas  
A dôr que grita o fundo das feridas?..



## A FRAQUEZA DE UM MOMENTO

Veiu. — De um jacto só do mundo americano  
Vasto imperio arrancou, aos reis domesticado;  
E entregou sem fragor ao velho e augusto oceano  
Um velho e augusto rei num throno espedaçado.

Ter um novo pais de prompto alevantado  
Sem pranto de ninguem, sem traição, crime ou damno,  
Reformador feliz, mais feliz que o soldado,  
Não houve a um grande esforço um maior premio humano.

Mas chegou de improviso um formidavel dia,  
E o povo em tôrno d'elle, alheado e absorto, via  
Desprender-se, oscillar, ruir de um céu azul

Do seu destino immenso a enorme estrella accesa:  
Foi sua audacia — olvido; o olvido — uma fraqueza...  
Certo fôra, sem ella, o Washington do Sul...

## NO ECLIPSE DA LIBERDADE

Quando ella veiu, com a grande calma  
Da fôrça que triumphava, e que perdôa,  
Entre estrellas andava, e era tão bôa,  
Que o chão em palmas foi-lhe uma só palma.

Chegou, enchendo tudo de su'alma...  
Que faz? onde erra agora? em que céos vôa?  
Por valle e monte o nome seu não sôa:  
Que crime á garra adunca a tem, a empalma?

O infortunio do tempo, um dia, achou-o;  
Viu no monstro a belleza de Antinôo,  
No traidor viu o espirito do forte;

E de então, como á flôr a gotta d'agua,  
Sinto que dobra a minha fronte magua,  
Que odio não turva, ou medo ao exilio e á morte...

## OS EVANGELISADORES

Homens de bem, mentis; mas eu vos comprehendo:  
Vós não fazeis a Deus este cobarde insulto  
De diminuir-lhe o grande, o mysterioso vulto..  
Tomo como virtude o vosso crime horrendo

Quasi que vos perdão, e este preito vos rendo,  
Que vós sabeis o que ha de ridiculo e estulto  
Nessa historia de sangue, e nesse immenso culto  
Que nasceu de Jesus, no Golgotha morrendo.

Pode espalhar mais soes sobre o nosso caminho,  
Aos espinhos da vida arrancar um espinho,  
Ser Prometheu, e ao céo ir roubar a verdade...

Sendo tudo chimera, exceptuando as dôres,  
Por que não lhe deixar um sonho.. Ó sonhadores,  
Prendeis assim a um sonho eterno a humanidade..

## OCCULTISMO

### *A Medeiros e Albuquerque*

Quando á noite sózinho, alheado e mudo,  
Passam por mim, num turbilhão medonho,  
Mundos que palpo, e que não são comtudo:

Busco em vão quem os fez e os leva, e ponho  
A olhar-me: existo? quem sou eu? e estudo  
Se isto, que vejo inda accordado, é sonho....

Ha dentro em nós recordações trazidas  
Doutras terras e céos, num vago enleio:  
Lembranças de soffrer jamais perdidas,  
Soffrer que unir-se ás nossas maguas veiu?

Num deus. deus que agoniza, ha muito, eu creio,  
Que a não ser, jovens mães estremecidas,  
Nunca irrompera mais do vosso seio  
A dôr com toda dôr das outras vidas...

## PROFUNDIDADES DESCONHECIDAS

Por uma escada feita de diamantes,  
Obra de rara e incognita estructura,  
Vou subindo, subindo ao céo, á altura  
Dos olhos seus, espheras rutilantes.

De cima delles desço, alguns instantes,  
Aos abysmos em que sua alma pura  
Deve estar em nudez: lá 'stá; fulgura;  
Encontro-a; é ella; e volto, como dantes;

Sim: é ella: Lá 'stá de esplendor cheia;  
Ebria-me, seduz, prende-me, enleia;  
Mas saber o que quero a empresa é vã.

Ahi fulgem só imagens escolhidas,  
Reaes no fundo, em luz e em côr mentidas,  
Como a Ronda Nocturna de Rembrandt.

## O CONSELHO DE HAMLETO

Trazes um coração dentro do peito,  
Um casto ideal, um forte pensamento,  
Tu és honesto? Vae para o convento,  
Como á Ophelia mandou um dia Hamleto.

Quem á virtude só der o seu preito,  
Para encontrar no somno a calma e o alento,  
Busque o sepulcro, não procure o leito:  
Se viver, viverá do seu tormento.

Vida é delirio: vê rosaes, escuta  
Canções, com que alma embala a mente insana;  
Se a razão volta, o quadro então permuta,

Vem de novo o soffrer, que a febre engana:  
A' mesa, em que se senta a escoria em lucta,  
Não tem logar a flôr da raça humana.

## PROLIFICUS DOLOR

Esta infinita Sêde do infinito,  
Não a contenta e farta coisa alguma:  
Vê só de todo o mar em cima a espuma;  
E não vê senão forma, ou culto, ou rito.

Acha que o espaço é uma bocca, e o grito  
Que a synthese da vida emfim resuma,  
Que sae della, é de um soffrimento escripto  
No céo, na terra, além, por tudo em summa.

Andar nisto um mysterio atroz se sente!...  
Quando um beijo arfa ao encontro de outro beijo,  
Trae o gôzo um gemido alli presente.

Será por isso então que o amor nos mente?  
Pois que o amor, sob o impulso do desejo,  
E' a dôr que fecunda a dôr sómente.

STRUGGLE FOR LIFE

Fui-me viver nas sombras da floresta,  
Viver ahí só, ahí só buscar repouso,  
E a serena alegria, e o intimo gôzo  
Do céo cheio de luz, da terra em festa.

Pois olhem, nada disto achei, e ousou  
Crer que ninguem a paz haurira nesta  
Mentida calma: um véo delicioso  
Cobre o odio, a traição, que o campo infesta.

Fura o bysso da tunica impolluta  
Do lyrio a larva immunda e o insecto: — e ouço  
O rumor surdo d'aspera disputa

Do berço á flôr, do pranto em grito ao fôssô:  
E dão o amor da vida e o horror da lucta  
Armas ao verme, espantos ao colosso...

## O ESPAÇO LIMITADO

Quando eu julgava e cria intermino este espaço  
Jamais pude entendel-o, e andava mais contente:  
Hoje que dizem ter um fim, acho-me em frente  
Ao maior, mais profundo e lugubre embaraço.

Tem um limite então provado? Ergue-se o braço,  
E não achando mais o vacuo eternamente,  
Encontra um muro, um muro enorme de repente:  
Que de hypotheses vãs, que me enleiam, não faço!.

Pára isto tudo!... E alem? Por mais que a razão torça,  
Não comprehendo o céu e não entendo a fôrça!  
Procuro: é o universo um coxo, um cego, um mudo?

Eu noto só que a morte em vida se renova,  
Que ao meso tempo a cova é berço e é berço a cova,  
E que tudo anda em nós, como Deus anda em tudo

## IMPLACABILIS DEA

Do amor a áscua fatal eternamente accesa  
O homem nivela ao verme, e a um universo o eguala;  
Mas trahiu, o que a deu, nada perdendo em dal-a;  
Parece fôrça; illude: — é apenas fraqueza.

Nella se banha, e innova, e enflora a natureza;  
A alma branca do lyrio o aroma branco exhala.  
Sem pudor, como um cão, quem arma esta surpresa,  
Uiva á dôr pela bocca esqualida da valla.

Como os cysnes, em grupo, espraíam-se nos lagos,  
Deuses vão pelo espaço, em bando, a rir do afflicto  
Luctar, em que imos nós, presas de uns sonhos vagos.

Que lhes importa? Sempre o gôzo ultima um grito:  
E a morte ha-de sahir de um beijo e dois afagos  
E dar mais luz aos céos, e mais céos ao infinito.

## BLASPHEMIA

Pôr sobre a vasta dôr humana um sol tranquillo,  
Como ao gorjal de um cão um vil guiso amarello!  
Porem que obreiro ousou pensar sómente aquillo?  
E feito, e posto alli, quem ousou achar bello?

Sei que o esbôço escondeu, sei que guarda o sigillo:  
Como o meu nome é cêpo, o seu nome é cutello:  
Quero vê-lo, e não vem; chamo-o, e não ha ouvil-o;  
Mas embora: ao seu odio o meu odio nivelo.

E' um tormento o amor, maior tormento a vida.  
Desce á cova o universo, escorralha cahida  
Dum em outro mysterio e um grito em tôrno disto;

E disto em cima um Deus immenso, eterno, infindo,  
Surdo, pacato, bom, farto, contente, rindo  
De Prometheu um dia, e outro dia de Christo...

## A DÔR

E a dôr sentada á porta, á chuva, ao vento, espera;  
Sabe que ella ha-de entrar; sabe que ha-de ter hora:  
Deixem contente o lar a rir, que logo chora;  
Só pela voz da flôr gorgieja a primavera.

Antes deste universo arfar a dôr não era:  
Sahir de si a dôr, a dôr não pode agora,  
E' dôr, mau grado seu, como a aurora é da aurora,  
Como a rosa é da veiga, e o fogo é da cratera.

Fatal, como é a sombra, ella se arrasta e inclina:  
Preferira cantar, como um passaro trina,  
Ser a alegria em vez de ser a dôr. mais nada.

Lagrima eterna presa a um soluço infinito  
Sou eu, és tu, a terra, o mar, o céu, num grito  
De dôr, que a própria dôr solta aterrorizada...

CRAS

Dizem que é bom soffrer, que a dôr descerra a porta  
Das espheras azues, onde oiro e jaide é tudo:  
Mas estando o sepulcro eternamente mudo,  
Mudo todo universo, — o crer num céo, que importa?

Ir num mesmo caixão uma esperança morta  
De um morto sonho ao lado!... ó deuses, não me illudo.  
Do infinito aos seus dois pontos, quem vae? E o agudo  
Grito da terra muito em baixo o espaço corta...

Deixa, eterna miseria, o eterno horror do obscuro:  
Por que sou? deste mal a causa em vão procuro;  
Para explical-o só um crime enorme resta.

Vamos. Erga-se altar á deusa da alegria:  
Quem, na ebriez do cantar, notará dia a dia  
Que por um que faltou canta um outro na festa?...

## A CEGA

A vida... quem a fez, fez a dôr: punhalada;  
Fez-se o mar, poz-se nelle um crime: a tempestade;  
Inventou-se o terror servindo á crueldade;  
Fez-se a flôr, nella dorme o veneno: emboscada.

Fez-se a rosa, o que é bom, para o espinho: cilada;  
Fez-se o céu, um abysmo; outro, o inferno: maldade;  
Fez-se o verme, um horror, torpe inutilidade;  
Emfim o homem fez Deus: Deus fez isto, e mais nada.

Deus não ama a ninguem, como a ninguem odeia;  
Do seu nome, isto só, toda a terra está cheia;  
Como nós, qualquer vicio elle em si mesmo traz.

A fôrça será sempre essa louca, essa cega  
Que tudo deixa, e logo em tudo outra vez pega,  
E, Penélope eterna, anda, faz e desfaz?...

## VANITAS

Ser Cezar, dominar o mundo inteiro,  
Ser Colombo, inventar um continente,  
Ser Homero, brandir a lyra ardente,  
Que vale? — E' o universo um grande argueiro.

Tudo é mesquinho, e vão, e passageiro,  
Inutil no passado, e no presente,  
Sonho, oasis que illude, e foge, e mente  
Na futil obra do orgulhoso obreiro.

E' ser grande, ter isso? — Isso é ventura?  
Só no palhal, que á beira do caminho,  
Da fisga de um rochedo se pendura,

No sitio em urzes, de arvores maninho,  
Ha, — e quem sabe?! — uma alegria pura,  
Pregada á sombra, como ao galho o ninho...

## OBSCURIDADE ILLIMITADA

Sempre o enorme ringir desse eterno problema!  
É o connubio da luz d'orbes pontuando a esphera!...  
E essa duvida amarga, essa ancia, que nos queima,  
No cairel desta vasta e lobrega cratera.

Não ha sol que não morra; estrella que não trema:  
E o que dizem os céos aos céos, quem assevera?  
Que canta em rhythmo estranho o universal poema?  
Se Deus é Deus, emfim para ser Deus, que espera?

Ha no verme a ironia? Ha no espaço uma idéa?  
O que fez, está feito? O que disse, está dito?  
Por que não compõe Elle uma nova epopeia?

Se doutros Prometheus, que hão de vir, não receia,  
Que quer de nós, que quer, dispondo do infinito?  
Por que os mundos que move entre dois grãos de areia?

## WITHOUT HOPE

Não te perdôo o mal que me fizeste,  
Ó Deus, porque me sinto humilde e escravo,  
Mesmo se insulto os soes, se a pugna travo  
Com o vasto espaço, onde os teus sões puzeste.

Que sei? — Tu prestas? Ha quem saiba, e preste?  
Por que geme e espumára este mar bravo  
De amor, que tudo assoma, inunda, investe,  
Em que meu corpo, irado, ou mancho ou lavado?

Eu que desejo ou quero com certeza?  
Para que ponto arrasta-me a corrente,  
Que ora sigo, ora fujo, e volto, e, presa,

Leva-me enfim irresistivelmente,  
De queda em queda, afflicto e sem defeza,  
Vencido eterno, eterno descontente?...

## CULTO

A um principio, que adeja alto em céu impolluto,  
Que mão alguma alcança, e imperio algum assusta,  
Curvo-me: e a consciencia applaude esta acção justa.  
Vença o bello: por elle eu vivo, eu soffro, eu lucto.

Arma-me estranho deus um braço resolutto,  
A fé metteu-me bronze á espadua, e a fez robusta;  
Fecha-me dentro em si o bem, como um reducto,  
E o amor, complicação daquella idéa augusta.

Descer ao eterno abysmo, — o coração — quem ousa?  
Da alma branca de Abel se em nós ha qualquer cousa,  
Em Caim todos têm o mesmo sangue irmão.

A quem pois o meu collo hei de baixar? Mostrae-o.  
De golpe a estatua d'oiro a pó reduz o raio;  
Dê, se quer, o universo ao pó um culto: eu não..

## VIRGILIO E PASCAL

Quando penso em Pascal, quando em Virgilio penso,  
Deante deste universo em giro eterno, deante  
Do fim, da causa, e auctor da machina possante,  
A incognito terror o espirito suspenso;

O silencio por tudo impassivel; sem senso  
A instavel creação, reviva e agonisante,  
Nascendo, para só morrer no mesmo instante,  
Todo caminho obscuro; á razão tudo infenso:

A vêr quasi arrasada essa mudez feroz,  
Quizera tel-os hoje entre nós, o gigante  
Nos numeros montado, e o poeta, a luz do Dante,

Bella estrella de Roma augusta á fronte accesa.  
Não stá cheia de Deus a grande natureza,  
A grande natureza está cheia de soes..

## O ETERNO ENIGMA

Na terra é grande a colera das almas;  
Bôas são, as que só têm menos odios;  
No deserto é que dão mais verdes palmas:  
O mar e o vento, um mesmo deus sacode-os.

A perola, que brilha, e esplende, e azula,  
E' a molestia de um molusco apenas;  
Do dia a ausencia é que abre e vermicula  
De astros as noites limpidas, serenas.

Quem, louco! tem o orgulho da verdade?  
Donde virão os bons ou maus conselhos?  
Grãos de areia, ante o espaço e a eternidade,

Valeis menos ou mais que os soes vermelhos?  
Se é cheia a propria luz de escuridade,  
Ante quem dobrarei meus dois joelhos?!...

## VANITAS VANITATUM

Fluxo e refluxo enfim do indomável oceano,  
Leva-o neste oscillar o seu destino eterno,  
Gotta e gotta perdendo o seu sangue anno e anno,  
Sem édens nunca achar e sem sahir do inferno.

Sobre o esqueleto nú do mar ha-de o galerno  
Soprar um dia sem ter que encher um só panno,  
Morta a vaga sem um grito de pelicano,  
E amortalhado o sol em seu lençol de inverno.

Homem, ridente luz, homem prantiosa treva,  
Que Adão fez revoltoso, e humilde e bom fez Eva,  
Que encheste a terra e o céo do pó do teu barulho,

Fazendo a cada passo o bronze echôar da historia,  
Ora um clamor de luto, ora um rumor de gloria,  
Que foi de ti com todo o teu banal orgulho?...

## VICTORIA DA SCIENCIA

Triumphará a Sciencia, e os seus batalhadores  
Os sellos quebrarão dos mythos consagrados?  
Se ella não triumphar, que importa? Estão lançados  
Os destinos da vida em moldes superiores

As loucas soluções de escravos e senhores,  
Os sonhos vão adrede escriptos e sonhados,  
Semelham os dobrões e os florins d'oiro usados  
Que acabaram nas mãos de antigos possuidores.

Aguia, que o céu domina, aguia, que desce o abysmo,  
Homem, ha no teu pleito um eterno heroismo;  
Tens a grandeza e tens a amargura dos mares.

Para o ideal da existencia, e para a lucta immensa,  
Não basta crer, quer mais o que medita e pensa:  
Quer provada a verdade, a que ha-de erguer altares.

## INSIDIA MAXIMA

E quando a criação triumphante o espaço enchia,  
Das espheras azues, onde oiro e jalde é tudo:  
Era austera verdade a sagrada alegria,  
E era um riso a manhã, e um sorriso era a sesta.

Disto nada ficou: disto nada nos resta.  
Jehovah armára á vida uma insidia, e cahia  
O homem nella: e ora em sangue um cadaver dizia  
Que era, já pela morte, a dadiva funesta.

Ser ignoto, amontôa as coleras no senho:  
Chame seu o Teu crime um qualquer vil conselho,  
De Ti, da noite eterna um vão terror não tenho.

Marca o ponto que lamba o cão do sol vermelho;  
Metta ao jugo o universo o teu poder ferrenho;  
Fôrça, esmaga-me, és Odio: Odio, eu não me ajoelho.

## O CEZAR ADRIANO

Não venceste, assassino; e era nobre o teu fito,  
No culto á Guerra e ao Bello, a arte humana e divina!  
E entre os grandes e os bons querendo o nome escripto,  
Tiraste á Tivoli a pedra travertina,

A' Iberia a prata e o ouro, o ferro á Palestina,  
Os marmores á Phrygia, os pórfyros ao Egypto,  
O alvo jaspe á Laconia, á Thessalia o granito,  
A perola á Golconda, á Gallia a turmalina.

Semeaste a ponte, o templo, a therma em toda parte,  
Deu-te aureolas Minerva, e deu-te louros Marte:  
Em deus atravessaste o Coliseu e o Fôro,

Chegaste á Historia, e ao Olympo indo a chegar, um triste  
Ensanguentado espectro ergueu-se, olhou-te, e ouviste  
Bradar: — Pára. — E paraste á voz d'Apollodoro.

## O IMPERADOR CARACALLA

Fartou o povo-rei até a saciedade  
Com o espumante falerno e os rubis de Marsala;  
O Cezar Antonino, o grande Caracalla  
Pode por cima delle ir da Therma á cidade:

Se lhe dá tudo, pão, festas, e liberdade,  
E o sangue do estrangeiro.. o fetido, que exhala  
No circo o leão e o tigre esfaimados, invade,  
Mas recúa ante o olôr dos sandalos da sala.

Na piscina elle nú entre bellezas núas,  
Branças, no alvo esplendor das semicurvas luas,  
Dão horas ao amor, palpitando aos pedaços.

Jamais a consciencia o crime lhe importuna:  
Quem pisa o mundo e aos pés leva Deus e a Fortuna  
Pode esmagar o oceano entre o anel dos dois braços...

## MIRAGENS

Eu caminhava... Enchia o campo olente aragem:  
Como uma rosa enorme, ha pouco, o sol nascera;  
E num vasto rumor de aurifera poeira  
Erguia-se outro sol do fundo da paisagem.

A luz, que tem na loira aurora o loiro pagem,  
Que faz brotar a flôr dos olhos da caveira,  
Que crava no deserto intermino a miragem,  
E ante a qual abre o céu, como o leque a palmeira,

De longe, aureolar um santo parecia!  
Quando perto cheguei, a ultima agonia  
Vi de um cão; pobre gallo esgravatava o cisco

Por entre vidros, terra, e algumas pedras toscas;  
Fervilhava por cima um turbilhão de moscas...  
E era nisso que a luz puzera o augusto disco!...

## A HUMILHAÇÃO DA VIDA

O pranto sobre o pranto é necessario á vida,  
Como é preciso a gotta em cima doutra gotta,  
Esta de pedra sae, que tenha a entranha rôta,  
Como aquella sae d'alma esmagada e partida.

Para a viga melhor ser curvada e torcida,  
Dentro d'agua se deita, e ahi fica um tempo immota;  
Assim a agua do seio; assim a agua da grota:  
Não ha agua que corra e se suma perdida.

Arqueia o corpo e a alma humilha, isto é verdade;  
Mas porque a torna molle, e suprime a dureza,  
E' que ella serve e é bôa á pobre humanidade.

Da nossa fragil carne e nosso orgulho presa,  
O que podemos nós contra a fatalidade;  
Se temos contra nós a propria natureza?

SUPREMUS DOLOR

Ha uma grande e lugubre tristeza  
Que outra, crêras maior, nem inda eguala,  
Que não encontra irmã na natureza:  
De que jamais ninguem fallou, nem falla.

Não anda, ao amor, que trae, gemendo presa;  
Tem-nas todas a morte, e a não exhala;  
Não sae da cova, não a cospe a valla;  
E' soffrimento e a um tempo uma surpresa.

Não é, mau grado, a lagrima que esfria,  
Sem ter achado o coração preciso,  
Com outra ao pé de si, em companhia:

A dôr suprema é rir, num paraiso,  
Rir só, sem ter o rir de outra alegria,  
Que é mais doce chorar que rir tal riso.

## PELEJA INUTIL

Quando ás vezes procuro um nome que resuma  
O que sou? por que sou? por onde vamos indo?...  
Se penso, não encontro o bello em cousa alguma:  
Se não penso, acho mais ou menos tudo lindo...

Um som prende outro som, cobre a espuma outra espuma  
De um grande sonho, como um vasto mar infindo;  
Se irriquieto o abandono, e outro caminho scindo,  
E' tudo arneiro, estepe, ou rocha, ou vento, ou bruma

Por mais que eu clame a um deus, um deus qualquer que se  
Para mudar da aranha o esqualido organismo,  
Que baba os fios d'oiro em que o universo arqueja,

Nada: e torno a chamar: ninguem:—indago, scismo.  
E largo de cansado a estúpida peleja,  
Tendo a um lado o mysterio e d'outro lado o abysmo

## O IDEAL E O REAL

Dois universos!... Um, o que dá forma e sonha  
Nossa mente; abre, e rasga, e arqueia, e azula, e cria;  
E esse outro, em que se inverna, essa cava medonha,  
Que guarda uma illusão de cada extincto dia.

Um é obra gentil da varia phantasia,  
Cheirosa, alegre, doce, esplendida, risonha:  
Outro, a fome, a miseria, a lagrima sombria,  
Onde escarra a traição a esqualida peçonha.

Quero o primeiro: esta alma ardente, anciosa, afflicta,  
Delle, para viver, delle só necessita,  
E tem só nelle luz, céos, olympos, que vêr.

Quando a taça de fel a angustia humana traga,  
Não é pelo ideal, que nos faz rir e embriaga,  
F' pela lucta amarga e austera do dever.

## O MESTRE

Nas tardes de janeiro , o sol no occaso, á beira  
Do mar inquieto e ondeando á doce luz do poente,  
Parava Elle de olhar ás vezes de repente,  
Como alguém que arfa e cae em meio da carreira.

Cego e surdo ao rumor da natureza inteira,  
Na pallidez mortal de um marmore indiff'rente,  
Parecia ter ido onde não vae a gente,  
Onde jamais chegou vôo d'aguia altaneira.

Como quem surge após de um abysmo, trazia  
Nesgas d'alva cantante e pedaços de dia  
No olhar, na fronte; e um pouco em si de cinza e lava.

E nós: — Mestre, por lá, o que de novo achaste?  
E elle erecto, bem como a flôr em cima da haste:  
— Vi Prometheu no fim do céu: inda o escalava!...

## TENTANDA VIA

Restam mundos a vêr... Eia, heroes. — Nau que brilhas  
Dentro em mim, cae ruflando á mó de irmãs galeras:  
Erguer ancoras, vá, alar! ás maravilhas  
De um mar hirto de leões em fogo e estranhas feras!

Archipelago argenteo, esplendidas Antilhas,  
Farelhões de rubins, lunaréos de crateras,  
Alfaques de coraes, por entre vós flotilhas  
De aureas palandras vão rodando como espheras.

Aproar... subir ao céo, rumo dessa obra prima:  
Vamos de perto olhar quem a faz, quem a ordena,  
Quem o abysmo no abysmo encrava, e o estende, e o anima.

Aos deuses!.. Ao chegar bradaremos: A' scena...  
E hemos vêl-os jogar os soes abaixo e acima,  
Como besantes de oiro ás mãos de histriões na arena!

## INDICE





# INDICE

	Paginas
ALGAS E MUSGOS.....	9
 <b>CONCHAS E PEROLAS</b>	
Hombreira. ....	13
O perfume de um hymno... ..	14
Pygmalião.....	15
Téla apagada.....	16
Pallida victrix.. ..	18
Num turbilhão de estatuas.. ..	19
Venus marinha.. ..	21
Nudaque vera... ..	22
Carros que se entrecruzam. . . .	23
Ad astra.....	24
Accôrdo.....	26
Pauca.....	27
A valsa... ..	28

	Paginas
A vida e a morte... ..	29
Sacra fames..... ..	30
Surgit stella... ..	31
Anjela-Sirena..... ..	32
A mulher... ..	33
Apontamentos... ..	35
Epithalamio.. ..	36
Arianna sobre á panthera... ..	37
Idyllio á mesa... ..	38
Nuda puella. ....	39
Après le ballet.... ..	40
N'alcôva..... ..	41
Pollen de um beijo.. ..	42
Mytho... ..	43
Alma viuva.. ..	44
Contrariedade... ..	45
Banho ao luar .. ..	46
A Venus misteriosa... ..	47
O eterno engano.. ..	48
To wish.. ..	49
Latôna... ..	50
Pela tarde... ..	51
O madrigal das rosas. ....	53
No leito.. ..	54

	<b>Paginas</b>
Uma princeza antiga.....	55
Ouvindo-a.....	56
Sicut serpens.....	57
Natureza interrogada.....	58
Perdão aos deuses.....	59
Amazôna.....	60
Um cinzelador.....	61
Gruppo.....	62
Ophelia.....	63
O melhor cantinho.....	64
Venus e madôna.....	65
Entre a calma e a tempestade.....	66
A virgem.....	67
Carlota.....	68
O anjo da fé.....	69
La poverina.....	71
A gotta d'agua.....	72
Sonhar!.....	73
Nuvem.....	75
Mulher triste.....	76
A mãe.....	77
Farewell.....	78
De menina a moça.....	79
Ignota dea — Pelo azul.....	80

	Paginas
A's portas d'Alhambra. .... .	81
Cadaver de virgem..... .	82
A eterna Venus..... .	83
Traquinas..... .	84
Sunt animæ rerum.. . . .	85
Que vos daria?..... .	86
Quand mème.. . . .	87
Iluminação interior.. . . .	88
Escrinio..... .	89
Via smarrita..... .	90
O mal da vida.... .	92
Triumpho.. . . .	93
A investidura.... .	94
In fide. .... .	95
Em pleno azul.... .	96

## GRAVURAS

Primeira missa no Brasil.... .	99
A chrysalida.. . . .	100
Sanguinea... . . . .	101
Gravura mysteriosa.. . . .	102
A fonte que extasia.... .	103

	Paginas
Paisagem nos Alpes... .. .	104
O cão da Terra-Nova..... .	105
Um tigre ao luar..... .	106
Rubens..... .	107
Van-Dyck..... .	108
Alberto Dürer..... .	109
Ovidio..... .	110
Dante..... .	111
Nupcias de Artaxerxes..... .	113
Um Christo Allemão..... .	114

#### **MARINHAS**

A apanhadeira de conchas... .. .	117
Efeitos de lua..... .	118
Gaiotas..... .	119
Surpresa..... .	120
Pintura a fresco..... .	121
A canôa..... .	122
Cousas da tarde..... .	123
Pela praia... .. .	124
Dança de tritões.. .. .	125
A farça dos mortos..... .	126
Nocte oceanus... .. .	127

	Paginas
<b>LEVANTINAS</b>	
Arco.. . . . .	131
A sêde do Padixah.....	132
Palacio de verão.....	133
A conquista do sol.....	134
O-Hana.....	135
Perola querida. . . . .	136
Feliz-Infeliz... . . . .	137
Nascer do sol.. . . . .	138
O felah.....	139
A festa do Rajah. . . . .	140
Occasos.....	141
O aduar.....	142
O minuto de Mei-Bi.. . . .	143
O riso de Bahvany.....	144
O universo de Alin.. . . .	145
O fakir e o Sultão.. . . .	146
O Kun e o Nun.....	147
Thou-Fou.....	148
A sultana.....	149
Um drama no deserto.....	150
Capricho de Sardanapalo.. . . .	151
A Nubia.....	152
Memphis.. . . . .	153

	Paginas
Ecbatana.....	154
O Deus do silencio....	155

### O BRAHMANE

I — Ratnatjata....	156
II — Miçrakéci....	157
III — O Brahmane vivo....	158
IV — O supplicio do Brahmane....	159
V — O Brahmane morto....	160
VI — O Brahmane morto, a rir....	161
VII — O Brahmane e as Almeias....	162

### MOSAICOS.

O verso....	165
Num carro de bois....	166
A pequenina divina comedia....	168
Luctas....	169
Pendant....	170
Odio esteril....	171
Deus omnipotens....	172
O amor do mendigo....	173
A dream....	174
As naus....	175
Os grandes anonymos....	176

	Paginas
Mirabeau e o canto do cysne.....	177
Doudo sublime.....	178
Drama eschylico.....	180
Sub parva lucerna.....	181
Renvoi....	182
Aos cem dias de um jornal.....	183
Votos..	184
Christo numa medalha....	185
Um Christo de registro..	186
Um Christo no Tyrol.....	187
O Christo Romano..	188
Téla achada... ..	189
Partida de uma andorinha....	190
Altar sem Deus....	191
Ignotus!. . . . .	192
Sobre o Pégaso... ..	193

#### CAMONEANA

I — A Luis de Camões — Leão alado	199
II — A Luis de Camões....	200
III — A Luis de Camões....	201
IV — À Luis de Camões.....	202
V — A Luis de Camões — A voz da sombra..	203

	Paginas
NUVENS E RAIOS	
Veritas veritatum.....	207
Wish.....	208
Terror do paraíso.....	209
Via crucis.....	210
A pedra.....	211
A Biblia de Alcalá de Henarés.....	212
O somno.....	213
A fraqueza de um momento.....	215
No eclipse da liberdade.....	216
Os evangelisadores.....	217
Occultismo.....	218
Profundidades desconhecidas.....	219
O conselho de Hamleto.....	220
Prolificus dolor.....	221
Struggle for life.....	222
O espaço limitado.....	223
Implacabilis dea.....	224
Blasphemia.....	225
A dôr.....	226
Cras.....	227
A cega.....	228
Vanitas.....	229

	Paginas
A obscuridade illimitada..... ..	230
Without hope..... ..	231
Culto..... ..	232
Virgilio e Pascal..... ..	233
O eterno enigma..... ..	234
Vanitas vanitatum..... ..	235
Victoria da sciencia..... ..	236
Insidia maxima..... ..	237
O Cesar Adriano..... ..	238
O imperador Caracalla..... ..	239
Miragens..... ..	240
A humilhação da vida..... ..	241
Supremus dolor..... ..	242
Peleja inutil..... ..	243
O ideal e o real..... ..	244
O mestre..... ..	245
Tentanda via..... ..	246



















## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).